

Conselho Diretor Nacional
Cláudia Aparecida e Eduardo F. Firmiano
Deise e Raimundo Fonseca da Silva
Maria Lúcia e Waldir Leandro de Paula
Rosana e Rubens de Oliveira Carvalho
Vilma e Roseneo Olizete Jorge

Editoria e Redação
Arlete e João Borges
Marisa e Galdino Ulysses
Jesuliana do Nascimento Ulysses
Marly e Jose Maurício Guedes
Rita e Luiz Carlos Torres Martins
Raquel e Ronaldo
Terezinha e Oscavo Homem de C. Campos
Arte e diagramação Anderson Nogueira
amarartesvisuais@gmail.com
e João Borges
Circulação restrita sem fins comerciais

SUMÁRIO

EDITORIAL - Teilhard de Chardin A espiritualidade na na visão de Pierre Teilhard de Chardin _____	4	RELIGIÃO - Oscavo Faria Mensagem para uma relexão quaresmal _____	31
CULTURA - Milton Hatoum O abismo que nos separa _____	7	RELIGIÃO - Leonardo Boff O crucificado de hoje e o de ontem _____	34
EDUCAÇÃO - Rosely Sayão É preciso ensinar desde pequeno a contar com o imprevisto _____	9	RELIGIÃO - Contato Quaresma _____	36
FILOSOFIA - Jorge Leão Meditação e cultura da paz _____	11	RELIGIÃO - Equipe Igreja em Marcha Sair porta afora, o Ano do Laicato _____	37
FILOSOFIA - Rubens Carvalho Procure sua axe _____	13	SAÚDE - Bruno Reis Conflitos éticos na terminalidade da vida _____	39
INSTITUCIONAL - Coordenação MG Programa Nacional de Formação à Distância _____	14	SAÚDE - Regina Célia Mendes Uma faceta da dependência química _____	41
PERSONALIDADE - Guilhermina Nascimento Honra ao mérito _____	19	SOCIEDADE - Oscar Vilhena Vieira A naturalização da desigualdade _____	42
PERSONALIDADE - Tales Graco Último adeus a Padre Arnaldo _____	21	SOCIEDADE - Equipe Fato & Razão Cidadania reflexiva _____	44
POLÍTICA - Chico Whitaker Igualdade ou desigualdade. Eis a questão _____	23	SOCIEDADE - José Arnaldo de Castro Decisões em efeito manada _____	45
RELACIONAMENTO - Deonira Vagaró Família, páscoa e espiritualidade _____	26	SOCIEDADE - Itamar Bonfatti Esquecimentos perigosos _____	47
RELIGIÃO - Contato Canto bíblico _____	28	SOCIEDADE - Cecília Mello Facada no estômago _____	49
RELIGIÃO - Terezinha e Oscavo Faria Considerações sobre o ato de rezar _____	29	SOCIEDADE - Ricardo Lewamodovski Moral, moralismo e direito _____	51
RELIGIÃO - Pe. Dalton Barros Entrar em quaresma _____	32	SOCIEDADE - Marcelo Coelho Não é uma questão moral _____	53
		SOCIEDADE - Ângela Alonso Utopias antipolíticas.... _____	55

A ESPIRITUALIDADE NA VISÃO DE PIERRE TEILHARD DE CHARDIN

Ursula King*

RESUMO: Partindo da relevância e da renovação da espiritualidade cristã no mundo atual, a autora apresenta as ideias do cientista e místico Pierre Teilhard de Chardin como mostra da força e do poder que a fé cristã pode inspirar em uma era científica, de questionamentos críticos e de enormes desafios éticos e morais. Profundamente interessado em aproximar ciência, religião e misticismo, Teilhard vislumbrou a chave para tanto em uma fé profundamente pessoal, centrada no mistério da encarnação cristã, por meio da qual todas as coisas encontram sua coesão e seu centro em Cristo.



O tema da espiritualidade é da maior importância hoje em dia. Contudo, compreendida de forma diferente na prática, a espiritualidade é agora amplamente discutida tanto no contexto secular como no religioso. Estamos assistindo a uma renovação do interesse pelos clássicos da espiritualidade de todas as religiões.

Mais do que um simples fenômeno do passado, a espiritualidade é reconhecida como um importante agente para a transformação pessoal e social no presente, desempenhando também um papel bastante significativo no diálogo inter-religioso,

na educação, nas negociações de paz, no movimento das mulheres, na ecologia e em outros processos da atualidade.

O renascimento espiritual em curso e o interesse em explorar as fontes espirituais de diferentes tradições religiosas ocorrem em um contexto global, intercultural e inter-religioso. Essas questões requerem um estudo à parte, mas meu interesse específico aqui gira em torno da relevância e da renovação da espiritualidade cristã no mundo de hoje, tema que explorarei com base nas ideias do cientista, padre jesuíta e místico francês Pierre Teilhard

de Chardin. Sem exagero, esse homem pode ser considerado um dos grandes cristãos do século XX, mas seu nome raramente é mencionado pelos atuais estudiosos da espiritualidade cristã. Além disso, sua vida e seu pensamento constituem um exemplo admirável da força e do poder que a fé cristã pode inspirar em uma era científica, de questionamentos críticos e de enormes desafios éticos e morais.

Como outros cristãos de épocas anteriores, Teilhard reconheceu a premente necessidade de articular o cristianismo com a cultura e o espírito de seu próprio tempo. Hoje, em face da ciência moderna, da tecnologia e de um mundo cada vez mais globalizado, essa necessidade é mais urgente do que nunca. Ainda no final da I Guerra Mundial, Teilhard escreveu um pequeno ensaio no qual defendia a necessidade de “evangelização de uma nova era” e em cujo prefácio afirmava: “Os grandes seres humanos, convertidos ou pervertidos, são sempre aqueles nos quais o espírito de seu tempo se inflama mais intensamente”. Anos mais tarde, ele dirá que é importante chegar a uma nova compreensão do significado da santidade, a uma nova maneira de incorporar o ideal de perfeição cristã. Em “Pesquisa, Trabalho e Adoração”, escrito pouco antes de sua morte, ocorrida em 10 de abril de 1955, novamente, e pela última vez em quase quarenta anos de produção literária, Teilhard enfatizou a necessidade urgente de combinar “o fogo de uma nova fé” no mundo com a visão, a prática e

o poder de uma fé religiosa “Precisamos de uma nova teologia” - escreveu ele - “e de uma nova abordagem da perfeição, que deve ser gradualmente trabalhada em nossos centros de estudo e retiro, para satisfazer as novas necessidades e aspirações... Mas aquilo de que talvez precisemos ainda mais... é de uma nova e mais elevada forma de adoração, a ser gradualmente revelada pelo pensamento e pela oração cristã, adaptada às necessidades dos fiéis de amanhã, sem exceção”.

Teilhard estava profundamente interessado em encontrar uma homogeneidade e coerência entre ciência, religião e misticismo, uma coerência que, segundo ele, é mais bem representada pelo cristianismo e que consiste em uma fé profundamente pessoal, centrada no mistério da encarnação cristã, por meio da qual todas as coisas encontram sua coesão e seu centro em Cristo. Longe, porém, de repetir as doutrinas cristãs de maneira meramente tradicional, Teilhard sentiu-se profundamente desafiado pelo avanço intelectual e tecnológico do ser humano, sobre o qual refletia criticamente, reconhecendo sua importância para nossa vida intelectual, moral e religiosa. Nesse sentido, escreveu ao filósofo francês Emmanuel Mounier, em 1947:

Quando falamos de uma “teologia da ciência moderna”, evidentemente isso não significa que a ciência por si só possa determinar uma imagem de Deus e uma religião. O que se quer dizer com essa formulação, se eu não estiver enganado,

é que, dado certo desenvolvimento da ciência certas representações de Deus e certas formas de adoração são consideradas como não homogêneas com as dimensões do universo conhecido por nossa experiência. Essa noção de homogeneidade é, sem dúvida de central importância na vida intelectual, moral e mística.

Teilhard se debatia com essas questões e tentava encontrar algumas respostas, embora não estivesse imune às dúvidas. Por mais controversas e poderosas que sejam suas férteis ideias, por mais críticas que sofram de cientistas e teólogos, sua maior e mais duradoura contribuição reside, sem dúvida, na força e atração de sua espiritualidade e na maneira inspiradora com que viveu a fé cristã. A espiritualidade ocupava um lugar central em seu pensamento; dessa forma, por causa do grande significado desse tema e do considerável papel que desempenha nas

discussões contemporâneas, este livro irá explorar diferentes aspectos da espiritualidade cristã, guiado pela inspiração e pelas considerações do pensamento teilhardiano.

Preliminarmente, abordo três questões: Por que a espiritualidade é importante? Que se deve entender por espiritualidade? Por que o pensamento de Teilhard de Chardin é de grande significado para a espiritualidade cristã hoje?

Ursula King é Professora e Chefa do Departamento de Teologia Religiosa da Universidade de Bristol, Inglaterra, além de fundadora do Teilhard Centre, sediado em Londres.

Transcrito do site: Ciberteologia

N.E. – A partir deste número passamos a publicar trechos da obra “Cristo em todas as coisas, a espiritualidade na visão de Teilhard de Chardin”. São Paulo. Paulinas, 2002.

***Algum dia, quando tivermos dominado os ventos, as ondas,
as marés e a gravidade, utilizaremos as energias do amor.
Então, pela segunda vez na história do mundo,
homem descobrirá o fogo.***

Teilhard de Chardin



O abismo que nos separa...

Milton Hatoum*

“TRABALHAR NÓS TRABALHAMOS
PORÉM PRA COMPRAR AS PÉROLAS
DO PESCOCHINHO DA MOÇA
DO DEPUTADO FULANO”

Mário de Andrade, Acalanto do
seringueiro em Clã do Jabuti, 1927

Numa tarde de 2001, quando ainda morava perto do centro da cidade, um homem de uns 50 anos veio ao meu encontro: “Sou preto, mas não sou ladrão, doutor. Só quero o dinheiro do ônibus”,

Ele havia procurado emprego num supermercado, e queria voltar a sua casa.

Nunca mais esqueci as frases desse brasileiro desempregado, frases que resumem o abismo que separa os pobres (afrodescendentes em sua maioria, mas também mestiços e brancos) da classe média e dos ricos. Claro: há razões históricas que explicam ou esclarecem isso. Quase quatro séculos de escravidão, e mais de um século de uma democracia manca, interrompida por várias ditaduras só poderiam gerar uma sociedade extremamente desigual.

A “democracia” brasileira, ou sua máscara caricata e grotesca, reproduz os privilégios do clientelismo, patrimonialismo, do mandonismo. Quando uma pessoa mais humilde nos chama de “doutor”, parece que

todo o passado da escravidão reverbera nessa palavra, que só faz sentido se dirigida aos médicos.

Nosso ar de superioridade e petulância em relação aos pobres, nossa indiferença e desprezo pelos índios e pelos afrodescendentes inviabiliza qualquer projeto verdadeiramente democrático. Uma sociedade e um governo que toleram ou aceitam passivamente o assassinato de 50 mil jovens por ano não podem ser democráticos.

Depois de ter visitado presídios de várias capitais, a presidente do STF ficou estarrecida com as condições desumanas dos detentos. Apesar da sincera indignação da ministra, é provável que pouca coisa mude. Sabemos que uma mãe pobre foi condenada a quase dois anos de prisão por ter furtado ovos de Páscoa. Mulheres pobres que cometem um pequeno delito sofrem penas pesadas, enquanto esposas e irmãs de chefões do crime são brindadas com prisão domiciliar. A coroação da injustiça (ou da justiça assi-

métrica de uma parte do judiciário) foi a sentença de prisão domiciliar do homem da mala.

Faz parte da desfaçatez nacional manter o conluio entre os três poderes. Sem isso, o país seria outro. E só um otimista ou ingênuo acredita que o próximo congresso será plenamente renovado, e que uma maioria decente de deputados e senadores será eleita. Infelizmente os chantagistas e corruptos serão maioria nas próximas eleições, apenas mudarão os nomes dos “doutores” e excelências. Como diz o sobrinho do príncipe Dom Fabrizio no romance de Lampedusa (O Leopardo): “Tudo continuará na mesma quando tudo tiver mudado”.

Uma reforma política profunda e investimentos maciços na educação pública são tão urgentes quanto necessários, mas não serão feitos. Os que usam (e usarão) tornozeleiras eletrônicas em sua confortável reclusão domiciliar abominam essas duas grandes questões. E a maioria dos deputados, senadores, prefeitos e governadores tampouco se interessa por essas duas grandes questões. Preferem mudanças superficiais, pois assim garantem que tudo continue na mesma.

O caminho que conduz à verdadeira democracia é longo e sinuoso. Os péssimos exemplos que vêm do alto da pirâmide política e econômica são nocivos a toda a sociedade. Mas afirmar que somos um povo corrupto é uma generalização absurda, uma autoflagelação moral tresloucada, inaceitável. É na base

social - formada pelos desvalidos e a classe média - que as mudanças deverão ocorrer. O voto consciente, a pressão popular, os protestos e a indignação são os únicos vetores de uma verdadeira mudança política. Enquanto isso não ocorrer, a barbárie, movida pela impunidade e pela desigualdade, seguirá seu curso.

As frases do desempregado de algum modo dialogam com os versos da epígrafe de Mário de Andrade. No mesmo poema (Acalanto do seringueiro), ele escreve: “Você, seringueiro do Acre, Brasileiro que nem eu”,

O seringueiro do rio Purus, ou de outras regiões da Amazônia, é o migrante nordestino, mestiço de várias origens: africana, indígena, europeia. Mas pode ser o índio escravizado, forçado a trabalhar nos seringais desde o século dezenove. Enquanto esses outros não forem considerados brasileiros como nós por nós mesmos e pelos três poderes, o país continuará fraturado, incapaz de compreender a si mesmo. Este é o abismo que nos separa uns dos outros...

Milton Hatoum é Escritor, tradutor e professor brasileiro. Considerado um dos grandes escritores vivos do Brasil. Recebeu o Prêmio Portugal Telecom de Literatura Brasileira.

Transcrito do Boletim Rede

Pergunta ao leitor: Se houver intensa participação social e política, na realidade local e nacional, você acredita que “tudo continuará na mesma quando tudo tiver mudado”?



É preciso ensinar desde pequeno a contar com o IMPREVISÍVEL

Rosely Sayão*

Como ensinar aos filhos que a vida é incerta?". Foi essa a pergunta de uma mãe que se deparou com uma intensa crise do filho. Ele, tendo planejado prestar vestibular, passar e cursar neste ano a faculdade que escolhera, ficou doente e não pôde comparecer ao exame.

Acontece que o jovem ficou inconformado por ter se dedicado durante o ano todo à sua meta: saiu pouco, estudou muito e sentia-se preparado para as provas. Por isso, entrou num desânimo total e está disposto a não fazer a mesma coisa neste ano. Considerei a questão interessante e por isso vamos conversar a esse respeito.

Se você pensar bem, caro leitor, vai perceber que temos agido de um modo que parece nos proteger de tudo o que é incerto, e temos passado isso aos mais novos. Usamos agenda, estabelecemos metas, planejamos o dia, a semana, o mês e assim por diante.

Em relação aos filhos, planejamos seu futuro acreditando piamente que o que fazemos hoje fun-

cionará nas décadas próximas para eles. Achamos importante que tenham rotinas, hábitos, e que isso os ajudará a viver bem no futuro. É por isso que cobramos tanto deles que estudem e sejam bons alunos: para garantir um bom futuro para eles.

Acontece que a vida, principalmente no século 21, é uma grande aventura, inclusive em relação ao conhecimento. O que era considerado certo até outro dia, novos estudos mostram que não é mais. Isso significa que o conhecimento compreende sempre uma ilusão, mesmo que transitória. E como é o conhecimento que nos permite ler a realidade que nos circunda, nossa leitura também corre o risco de estar comprometida.

Viver como um equilibrista: talvez seja essa uma boa lição que podemos ensinar aos filhos. Para ser equilibrista, é preciso ter, ao mesmo tempo, coragem e precaução e, principalmente, contar com a imprevisibilidade.

É preciso também saber previamente que, mesmo tendo treinado

muito, dedicado grande parte de seu tempo em busca do equilíbrio na corda bamba, um vento inesperado, um passo em falso ou um leve descontrole corporal pode levar à queda. Para não desistir, o equilibrista precisa de resiliência e de persistência.

Tudo isso precisamos ensinar aos filhos desde que eles são pequenos. Fazemos isso, em geral, nos primeiros anos de vida deles. Quando estão aprendendo a andar, por exemplo, incentivamos que continuem mesmo quando caem, não é? Estamos lá perto, encorajando, chamando, fazendo de tudo para que não desistam. Nesse momento, não podemos andar por eles!

Mas, aos poucos, à medida que crescem, temos a tendência de fazer por eles o que eles podem fazer sozinhos: em vez de encorajar e acolher nas frustrações que sofrem, buscamos estratégias para contorná-las;

quando fracassam, mesmo tendo se dedicado, vamos em busca do bom resultado que deveria vir; quando enfrentam os imprevistos, fazemos de tudo para que eles não tenham efeitos na vida dos filhos.

Isso não é bom porque solidifica a ideia, para eles, de que na vida temos o controle de quase tudo e que não há lugar para os imprevistos, para as incertezas.

Pode ser uma boa ideia transmitir aos filhos que é possível que o improvável se realize mais do que o provável, e que precisamos saber esperar o inesperado, como diz Edgar Morin em seu livro "Os Sete Saberes Necessários à Educação do Futuro".

Rosely Sayão é Psicóloga e consultora em educação, fala sobre as principais dificuldades vividas pela família e pela escola no ato de educar e dialoga sobre o dia a dia dessa relação.

Transcrito da Folha de São Paulo



O barbarismo da nossa época é ainda mais espantoso pelo fato de tanta gente não ficar realmente estarrecida com ele.

Teilhard de Chardin



A prática diária meditativa traz benefícios incontestes para o organismo. Além de melhorar o bom andamento das funções cerebrais, estudos indicam a relação direta desta prática milenar com prevenções e tratamento de inúmeros problemas de ordem psicossomática.

A meditação também auxilia no equilíbrio entre corpo e mente. Por isso, tal prática é considerada devota entre os sábios antigos. É indispensável reservarmos diariamente um momento em que o espaço e o ambiente sonoro estejam prontos para receber o silêncio meditativo. Preferencialmente durante as primeiras horas da manhã, antes do sol raiar. Contudo, não fixemos horários, pois a qualquer momento e lugar podemos entrar em atitude meditativa.

Tratamentos médicos baseados na prevenção e no cuidado do corpo-mente (terapêutico) são unânimes em reconhecer os benefícios da meditação. Livrar-se da correria

cotidiana e sua mecanicidade, e abastecer a mente e o espírito como canais da fonte divina, este parece ser o principal benefício da prática meditativa. É frequente sentirmos uma significativa melhora no fluxo respiratório e no despertar para um novo dia, com mais disposição e saúde.

Outro ponto crucial é a relação desta prática com a cultura da paz. Diante da contínua onda de violência espalhada pelo mundo afora, faz-se urgentíssima a necessidade de uma atitude pacificadora (não passiva) nos diversos segmentos da sociedade. O olhar fragmentado sobre os problemas não resolverá o problema da ciência, que supostamente seria, segundo Galileu e Newton, desvendar os mecanismos operativos da natureza. Não obstante, faz-se mister a retomada da visão holística do ser humano e do mundo.

Há de ser um caminho com vistas ao ser humano em sua amplitu-

de física, psíquica, ética. Grupos de pessoas voltadas para práticas benéficas, dentre elas, a meditação. Ela inclusive pode ser realizada enquanto caminhamos à beira da praia ou em um bosque maravilhoso. Reunir os grupos de origens diversas também soma muito, quando energias terapêuticas vibram na frequência da paz, do amor e do equilíbrio universais.

O certo é que não podemos mais perder a oportunidade de encontrar na difusão da cultura da paz a saída para a solução de nossos problemas cruciais contemporâneos, dentre eles a banalização da cultura de morte que anda desenfreada em nossas ruas.

Meditar não é esperar que o vazio anule nossas mentes. Ao contrário, é permitir que, ao esvaziar-nos

de nossos esquemas mentais habituais, estejamos disponíveis para a atuação da força divina em nossas vidas. Por isso, manter uma atitude meditativa representa bem mais do que isolar-se em um lugar silencioso em posição de lótus (uma tradicional postura do ioga). Meditar é integrar a mente na entrega incondicional à maravilha da vida.

Que os grupos de cultura de paz possam oportunizar momentos como esses para todos nós. Não existe um lugar ideal para isso. O espaço pode ser até mesmo adaptado em nosso quarto. O que vem depois é só benefício. A paz é fruto de nossos propósitos. E tudo pode ter início com o silêncio da meditação.

Paz e luz! Namastê

Jorge Leão



*Na escala do cosmos só o fantástico tem
condição de ser verdadeiro.*

Teilhard de Chardin

Procure sua Axe*

Devemos considerar o homem como ser integral, não apenas o corpo físico, mas também, campos energéticos sutis. Precisamos voltar o nosso olhar para os aspectos físico, mental e emocional. Em nós tudo está conectado e ao mesmo tempo age interdependente, funcionando como um sistema onde o desequilíbrio de um, afetará todos os outros – assim também com o equilíbrio. Compreendendo que somos capazes de estimular e entrar em ressonância harmônica interior e transcender, atuando como um princípio catalisador, ativando processos de expansão e transformação da consciência, despertando a harmonia e o equilíbrio.

Assim precisamos vigiar (no sentido de espionar, observar atentamente, espreitar):

Os nossos Pensamentos – cuidar da qualidade dos nossos pensamentos, e que eles sejam sempre positivos;

As nossas Companhias – esteja cercado de pessoas que possam te proporcionar bem-estar e elevação dos seus melhores sentimentos e emoções;

Seja seletivo com as Músicas – os seus ouvidos são portas abertas ao equilíbrio interior, as músicas nos levam a um estado de harmonia gradual e sintonia com o belo e sensível;

Cuidado com o que Assiste – esteja em busca de conteúdo nos meios so-

ciais – televisivos que tenha a capacidade de te transportar para o que há de mais harmônico, o que seus olhos vêm alimentam a química que eleva e cura o seu corpo;

Perceba o seu Ambiente – faça do seu ambiente o mais gostoso possível, livre, limpo e organizado, é neste que o universo faz uma troca perfeita entre dar e receber;

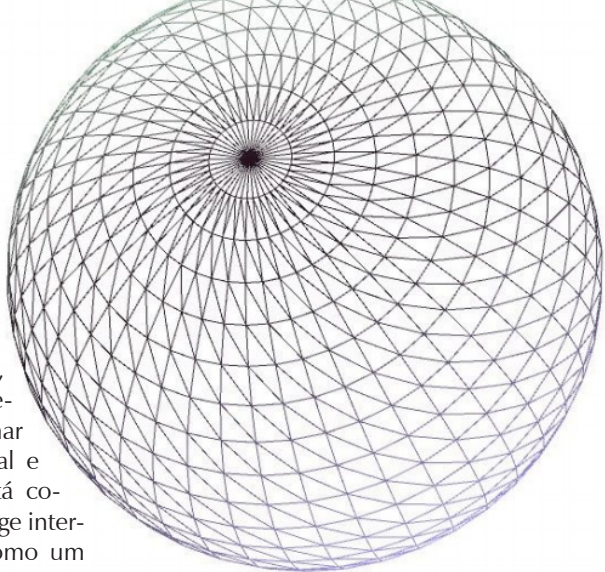
Observe a sua Fala – encha-a de ternura, exercite a caridade, eleve com ela a sua comunicação com o mundo (interior e exterior), esteja pronto para assumir as responsabilidades através da fala e de suas escolhas;

Pratique a Gratidão – continue sendo grato, aí está a chave que abre todas as portas para que tudo flua positivamente em sua vida.

Paz e bem!!!

Rubens Carvalho – Coordenador Nacional do MFC

***Axe:** Linha imaginária, que passa pelo centro de um corpo circular; O mesmo que eixo



PROGRAMA NACIONAL DE FORMAÇÃO À DISTÂNCIA



Contribuição do Secretariado Estadual de Minas Gerais

3º bloco temático: AMOR CRISTÃO

4º módulo: SER FIEL NO AMOR

INTRODUÇÃO

Encerrando o terceiro bloco temático do Programa Estadual de Formação - O AMOR CRISTÃO - abordaremos o tema SER FIEL NO AMOR. Amar é algo gostoso, nos faz bem, traz felicidade. Sabemos que ninguém nasce sabendo amar, é preciso aprender e nos perguntamos como acontece esta aprendizagem. Pense na sua caminhada, na sua história de vida até o presente momento, e tente lembrar das pessoas que lhes ensinaram a “Amar”. Com o passar do tempo nos esquecemos de que fomos desejados e amados por nossos pais, avós, tios e parentes próximos. Eles foram os nossos primeiros professores, nos deram aulas de carinho, amizade e nos foram preparando para sermos felizes na vida. Vocês já refletiram sobre este período de aprendizagem? O que resta em nós daquela dedicação dos pais, dos tios, dos professores e catequistas.



Mas de que tipo de amor estamos falando?

Para nossa reflexão sobre “SER FIEL NO AMOR”, é necessário primeiro saber de qual amor vamos falar. Existem três tipos de manifestação do amor: Eros, Filia e Ágape. Relacionamos “EROS” ao amor sexual; “FILIA” à amizade e “ÁGAPE” a um amor espiritual. A grande questão é que a gente fala sempre muito de amor. Pregamos o amor, cantamos o amor, mas na maioria das vezes ficamos na ideia abstrata do sentimento. Amamos. Devemos amar. Devemos amar como cristãos.

Vamos começar nossa reflexão de forma bem concreta estudando o sentido desta marca: “SER CRISTÃO”. Então surge a pergunta: O que quer dizer “sermos conhecidos pelo amor que temos uns pelos outros”? (“Vejam como eles se amam!”) Um outro elemento para meditarmos: na verdade, pelo que somos de fato conhecidos? Precisamos mostrar ao mundo quem somos. Dizemos o tempo todo que o mundo precisa prestar atenção em nós e na nossa mensagem, pelo que somos conhecidos. Então, como leitura bíblica, vamos pedir socorro ao nosso querido apóstolo Paulo.

Leitura Bíblica: I Coríntios 13,1-13

Para quem Paulo está escrevendo? Boa pergunta. Ele escreve para uma comunidade cristã muito parecida com as de hoje, cheia de problemas, cheia de divisões doutrinárias, competição, rancores. Ele pretende justamente retomar o ensinamento de Jesus e afirma na carta: “Se não tiver amor nada serei – nada serei diante de Deus, nada serei como cristão”. Paulo parece querer indicar aos coríntios e a nós, hoje, ações e atitudes bem concretas que significam amar, amor Ágape. Com adjetivos ele indica as ações.

Ele colocou como desafio concreto para a comunidade de Corinto, o que gostaríamos de colocar agora para todos. O que significa, então, sermos conhecidos pelo amor? Amar como Jesus amou.

1º. O amor é paciente. Amar é ter paciência com o outro. O tempo da gente não é o tempo do outro. Quantas vezes as pessoas desejam soluções imediatas para os problemas que experimentam... Amar é ser paciente – saber esperar, saber ouvir, evitar exigir sempre que o outro aja como você, pense como você e faça como você,

no seu tempo e no seu jeito. Paciência. Isto é amar como Jesus amou.

2º. O amor é benigno. Amar é agir com bondade, fazer o bem. Se alguém precisa de nós, ainda que tenhamos que transgredir conceitos e etiquetas sociais, mesmo que nos chamem de loucos, precisamos fazer o bem e isto quer dizer ser solidário com o próximo e ajudá-lo, como na parábola do samaritano bom. Observem que é diferente de dizer bom samaritano. Quantas vezes precisamos fazer uma parada na nossa agitação diária e prestar atenção nos amigos, nos irmãos e em muitas outras pessoas da nossa convivência e que precisavam de nós, de nossa solidariedade. Isso deveria acontecer no dia a dia da vida, por que somos cristãos. Reparar o que a gente tem com quem nada tem, até a nossa paz e a nossa esperança. Isto é amar como Jesus amou.

“Uma coisa é viver na esperança, porque na esperança somos salvos e uma outra coisa é viver como bons cristãos, nada mais que isso.” (Papa Francisco).

3º. O amor não arde em ciúmes. Amar é não ter ciúme – é uma pena que a gente só leia este texto em casamentos! Ciúme é sentimento e atitude não cristã cultivada às vezes entre casais e em muitas outras situações. Ciúme não é atitude de amor. Ciúme é querer exclusividade no relacionamento, não querer dividir com outro; pelo contrário, incomodar-se com o caminho independente que o outro toma e pelo outro estar feliz, bem, numa experiência diferente, diversa, da que a gente vive. Devemos valorizar as experiências diferentes das nossas que trazem a felicidade para o outro. Quem ama deixa o outro livre para viver e sentir – “não força barras”, não faz proselitismo, quem

ama respeita e valoriza as diferenças. Isto é amar como Jesus amou.

4°. O amor não se ufana, nem se ensoberbece. Quem ama não cultiva o orgulho, a auto exaltação nem a arrogância. Não se coloca em pedestais religiosos, inferiorizando o outro e sua fé. Quem ama é humilde e se posiciona com simplicidade, valorizando o que o outro tem para oferecer. Isto é amar como Jesus amou.

5°. O amor não se conduz inconvenientemente. Quem ama não é inconveniente, grosseiro nem desagradável em relação à outra pessoa. Quem ama não vive de “cara feia”; oferece um abraço, um sorriso, age com simpatia. Leva em conta as necessidades do outro e o seu jeito de ser, se interessa pela vida das pessoas, trata com respeito e delicadeza. Isto é amar como Jesus amou.

6°. O amor não procura os seus próprios interesses. Quem ama não é egoísta, não pensa só em si próprio e nos benefícios que deseja para a sua vida, passando por cima do outro, desconsiderando o outro. Quem ama não faz politicagem para tirar vantagem – não usa jogos de influência visando seu projeto pessoal. Quem ama se importa com a vida do outro, com o lugar do outro no espaço coletivo, comum. Quem ama pensa primeiro em quem deve ter prioridade nos processos; não é indiferente, chora com quem chora e se alegra com quem se alegra. Claro, importarmos-nos não só com quem está perto de nós – desprezar a máxima “cada um por si e Deus por todos” – mas prestar atenção nas dores deste mundo. “Pelas dores deste mundo, ó Senhor, te imploramos piedade...”

Acreditamos que se ao menos nos importarmos em oração, já é um

belo exercício de amor. E cremos que se quisermos dar um passo a mais, podemos buscar ações concretas que mostrem que nos importamos. Isto é amar como Jesus amou.

7°. O amor não se exaspera. Quem ama não se irrita. Está aí a relação com o tema da paciência que abriu a lista de atitudes que a carta aos coríntios nos chama a cultivar. Quem não se irrita, tolera. Mas tolerar não quer dizer aceitar tudo passivamente. Quando há discórdia, quem ama coloca-se à disposição para conversar e participar dos processos de decisões mais difíceis com firmeza e equilíbrio, escutando com paciência as opiniões diferentes, sempre dando sugestões que conduzam ao consenso ou à conciliação, em nome do bem-estar de todos. E muitas vezes precisamos respirar fundo e cultivarmos disposição para não nos exasperarmos e perdemos a paciência! Precisamos agir com amor e revestidos de paciência, sem irritação, ouvindo, construindo processos, conduzindo o consenso, conciliando sem fazer valer o que este ou aquele grupo deseja... Isto é amar como Jesus amou.

8°. O amor não se ressentido do mal. Quem ama não guarda ressentimento, não cultiva rancor. Não fica guardando mágoas para um dia descontar lá na frente. Pegar na curva. Quantos de nós, mesmo sendo cristãos, trazemos dentro de nós rancor em relação a outros, estimulamos as divisões, ódios e até embates religiosos? Quantos de nós experimentamos nas nossas convivências do dia a dia atitudes rancorosas, ressentimentos e mágoas? Por causa disso demonstramos irritação, falta de paciência, destruímos pessoas... até aquelas que dizemos amar. Quem ama supera tudo isto e perdoa, re-

concilia. E começa tudo de novo. Isto é amar como Jesus amou.

9º. O amor não se alegra com a injustiça, mas regozija-se com a verdade. Quem ama se incomoda com a prática da injustiça, da mentira, da calúnia, da corrupção, dos desentendimentos ocorridos na comunidade e nas famílias. A atitude de um cristão, ao invés de colocar “mais lenha na fogueira”, é o dever de trabalhar pela justiça, pela verdade, pela reconciliação. Quem ama se alegra com a realização do que é certo, justo e verdadeiro. Duplica esforços para fazer um mundo melhor, se alegra com as ações do outro que agradam a Deus. Quem ama sabe distinguir quem é justo e verdadeiro e valoriza isto. Isto é amar como Jesus amou.

10º. O amor sofre, crê, espera, suporta tudo!

Quem ama não está livre dos sofrimentos – eles fazem parte da caminhada – mas não desanima nunca, suporta as situações com fé, esperança e paciência ativa, com ações que busquem mudança. Isto é amar como Jesus amou.

CONCLUSÃO

“Eu pergunto-me, a mim, e pergunto também a vós: deixamos que a nossa vida seja escrita por Deus ou queremos ser nós a escrevê-la? E isto fala-nos da docilidade: somos dóceis à Palavra de Deus? Sim, eu quero ser dócil! Mas tu tens capacidade de a ouvir, de a sentir? Tu tens capacidade de encontrar a Palavra de Deus na história de cada dia, ou as tuas ideias são aquelas que te regulam e não deixas que a surpresa do Senhor te fale?” (Papa Francisco)

Assim Jesus amou e viveu na presença de Deus.

Assim Jesus espera que os seus seguidores se amem e amem as outras pessoas – assim como ele amou.

Numa das cartas de João também podemos ler: “Nisto conhecemos o amor: que Cristo deu a sua vida por nós, e devemos dar a nossa vida pelos irmãos”.

Assim nós, cristãos, seremos distinguidos. Identificados. Nossa marca, sinal da presença de Deus em nossas vidas: um amor concreto, que nos leva a dar a vida, empenharmos nossa vida em favor das outras pessoas.

Que tal não mais pensar e falar no amor como sentimento abstrato, um sentimento só de palavras?

Que tal desafiarmos a tradição que restringe a prática do amor àqueles que estão perto de nós, que são como nós, que nos fazem sentir bem, e abraçarmos o novo mandamento de Jesus e amar, praticar o amor engajado, inclusivo, amplo, com todos os compromissos e as dificuldades que ele requer de nós?

É assim que vamos ser conhecidos e é assim que vamos ser reconhecidos pelo Senhor. AMÉM

Esta reflexão para nós do MFC é muito importante, para que possamos modificar e transformar as nossas e as outras famílias. Este deve ser um compromisso comunitário e também pessoal. Então pense e reflita sobre:

Quando demonstramos e demos testemunho de amor cristão?

Qual efeito esta atitude teve em você ou em vocês?

Quando você, como filho de Deus, sentiu um amor como o de Cristo?

Como você pretende superar as dificuldades para desenvolver o amor cristão para com outras pessoas?

Com este tema encerramos esta etapa do Programa de Formação. E garantimos que nas reflexões feitas para escrever os temas tivemos a impressão de que muitas vezes fomos guiados pelo sopro do Espírito Santo e esperamos que os temas propostos tenham ajudados a todos a ter um crescimento na fé e promovido uma mudança em seu modo de sentir e viver a boa nova que Cristo nos trouxe.

Em todas essas situações temos a vitória completa por meio daquele que nos amou. Pois eu tenho a certeza de que nada pode nos separar do

amor de Deus: nem a morte, nem a vida; nem os anjos, nem outras autoridades ou poderes celestiais; nem o presente, nem o futuro; nem o mundo lá de cima, nem o mundo lá de baixo. Em todo o Universo não há nada que possa nos separar do amor de Deus, que é nosso por meio de Cristo Jesus, o nosso Senhor.

Romanos 8:37-39

Que todos vivam na paz, na alegria e na esperança de viver e ver um mundo melhor junto com Jesus Cristo.

Cada família do MFC

1 assinatura POR ANO!

Este é um compromisso do MFC com a conscientização e evangelizaçãodas famílias
ASSINE E DÊ DE PRESENTE, CADA ANO,

Envie o nome e endereço de um filho, amigo ou parente, compadre, afilhado, colega vizinho, aluno, freguês... com um cheque nominal, cruzado ao MFC ou efetue depósito na conta 27249-3, agência 3139-9 do Banco do Brasil e remeta os dados pelo E-mail da Revista.

Assinatura anual: **R\$ 34,00**

UMA ASSINATURA DE



Tel: (32)3214-2952
das 13 às 18 horas

Distribuidora Fato e Razão
Rua Barão de Santa Helena, 68
JUIZ DE FORA/MG - CEP 36010-520

Honra ao mérito

Recentemente, Guilhermina Salles Nascimento completou 90 gloriosos anos de vida.

Cercada dos muitos amigos mefecistas recebeu uma justa homenagem por sua dedicação e fidelidade ao movimento.

A revista sempre contou com sua dedicação e empenho para incrementar nosso número de leitores e assinantes.

Nossa revista completou 100 edições e nossos votos são de que nossa principal divulgadora ultrapasse tranquila e saudavelmente esta marca. Se a revista contasse em cada cidade com uma divulgadora da fibra de Guilhermina já teríamos alcançado um número muito maior de seguidores.

Com prazer transcrevemos abaixo o texto lido por seu irmão Nemésio nas comemorações.

Após dez minutos de conversa com quem quer que seja e onde quer que esteja, ela, com sua simpatia e convicção quanto ao valor da revista *Fato e Razão*, do MFC, convence seu interlocutor a se tornar um novo assinante. É incansável nesse labor, mesmo aos noventa anos completados no dia 15 de janeiro deste ano, quando reuniu parentes, amigos e os grupos do MFC para comemorar.

Minha gente, pediram-me para dizer algumas palavras sobre o significado deste encontro.



Dez anos atrás, a voz poderosa de Rita Assemany traçou um roteiro de vida de Guilhermina, desde seu nascimento, em Amargosa, até os seus oitenta janeiros. Por força das circunstâncias, aquela festa não pode se repetir hoje. Mas a natureza modesta deste encontro não diminui o seu significado

Celebramos, hoje, a grandeza humana de uma pessoa que, ao atingir essa idade, surpreende com seu dinamismo, sua lucidez, seu inquebrantável amor à vida e ao próximo.

Irmão mais novo da aniversariante - oito anos nos separam - desde a juventude sempre estive ligado a ela por um sólido e fraternal afeto que não se esmaeceu ao longo da vida. De meus irmãos por parte de pai e mãe, Guilhermina sempre foi a mais dedicada aos estudos e sem dúvida me inspirou nesse caminho.

Aos onze anos – desejando iniciar-me na língua francesa, antes mesmo de chegar ao ginasio, foi

Guilhermina quem me proporcionou as primeiras lições de francês. Passei a chama-la de Lélia - referência ao romance da grande escritora George Sand - apelido que ela aceitava melhor do que o familiar "Lelinha". Assim, da mesma forma como devo a minha mãe, Laura, a iniciação às letras, pois fui alfabetizado por ela, devo a Guilhermina os primeiros passos na língua francesa, os quais me permitiram exercer depois o trabalho de tradutor.

Nesta celebração, que reúne uma parte de seus familiares e amigos, que mais posso dizer sobre Guilhermina?

Falar de Guilhermina é falar de fibra- a capacidade de não se deixar abater pelas adversidades, mas superá-las, dando a volta por cima.

Falar de Guilhermina é falar de religiosidade. Religiosidade que não se limita ao mecanismo dos ritos voltados para os céus, mas dirige seu olhar para os deserdados da terra.

Falar de Guilhermina é falar de uma pessoa atenta com seu tempo, participante da luta geral por uma sociedade mais justa.

Falar de Guilhermina é falar de ecumenismo. Num tempo em que a intolerância e o fanatismo tentam substituir o Deus do amor pelos avatares da guerra, Guilhermina

prega o ecumenismo e o respeito à fé alheia. Saravá, pai Anderson!

Falar de Guilhermina é falar do Movimento Familiar Cristão, ao qual integra há tantos anos, batizando, com entusiasmo sempre renovado, pelos seus objetivos.

Falar de Guilhermina é falar do amor que a une a Carlos e que se expressou nas bodas de diamante que marcaram, em 2014, seus sessenta anos de união.

Falar de Guilhermina é falar também da mãe carinhosa que fez os melhores que pôde: Carlos Floriano, Míriam Cristina, Rosana, Josafá e Francisco Carlos. E da avó e bisavó sempre presente na vida dos netos e bisnetos compartilhando com eles o afeto que dedica a seus pais.

Falar de Guilhermina é falar desse círculo de amigos que construiu ao longo dos anos, de Norte a Sul deste imenso país, em suas andanças, e que não puderam estar aqui, pela simples razão de não estar disponível a Arena Fonte Nova.

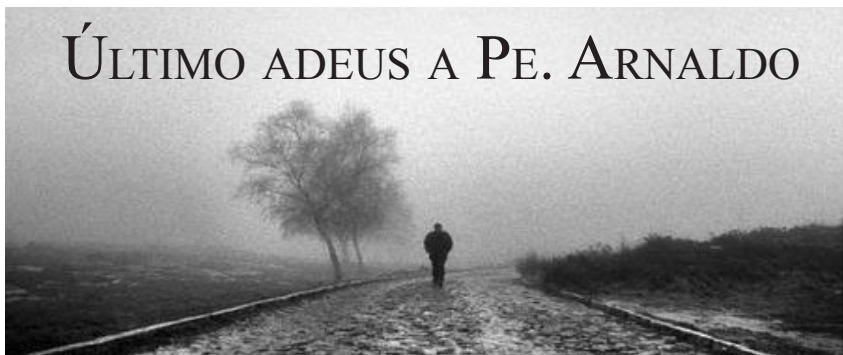
Falar de Guilhermina é falar de fidelidade aos princípios, de lealdade, compreensão, afeto e carinho que o tempo jamais apaga.

Assim, pois, este momento de confraternização, só me resta proclamar bem alto: VIVA GUILHERMINA!

***O homem não é apenas um ser que sabe, mas
é também um ser que sabe que sabe.***

Teilhard de Chardin

ÚLTIMO ADEUS A PE. ARNALDO



Tudo o que é belo tende a ser simples. Afirmação generalizante? Não sei. O que sei é que a beleza anda de braços dados com a simplicidade. Basta observar a lógica silenciosa que prevalece nos jardins. Vida que se ocupa de ser só o que é.

Padre Fábio de Melo

A primeira impressão que me veio à cabeça quando o conheci: Pe. Arnaldo é uma pessoa simples. A segunda impressão, mais profunda, é a de que a sua simplicidade era tranquila e coerente: ele mantinha uma forte sintonia entre a simplicidade que propagava e aquela na qual vivia. Essa sua espontânea simplicidade gerava um certo desapego dos bens materiais e uma liberdade que mantinha a sua criatividade, tanto do sacerdote quanto do poeta. Isso faz lembrar a grande liberdade de quem age conforme Mateus 14-10, que, em ditado popular, significa: quando você for mal recebido ao exercer a sua missão, saia, sacuda a poeira, levante a cabeça e dê a volta por cima.

O ecumenismo, que se traduzia no respeito que tinha às outras religiões, a justiça, a igualdade entre as pessoas e a fraternidade eram traços

marcantes em todas as suas atividades. Defendia uma Igreja renovada, missionária, peregrina nos caminhos ensinados por Jesus Cristo. Era um entusiasta das Comunidades Eclesiais de Base, CEBS, que considerava uma forma exuberante do jeito de ser igreja e onde achava que o Espírito soprava com mais força e criatividade. Participou com muito entusiasmo do 13º Intereclesial de CEBS, realizado em Juazeiro do Norte-CE, em janeiro de 2014, que teve como lema JUSTIÇA E PROFE-CIA A SERVIÇO DA VIDA. Escreveu um livro de poesias sobre esse encontro, de onde tiramos os versos:

“Deem de comer ao povo

Matem- lhe todas as fomes

É a ordem do nosso mestre
Que nos conhece e chama
pelos nomes.”

Bendito é o tempo, que, uma vez passado, permite ganho de lucidez às pessoas, permitindo-lhes reanalisar, com maior profundidade, os acontecimentos vividos. Neste momento, recordo de eventos do MFC com a presença de Pe. Arnaldo, e agradeço pela riqueza que ele nos proporcionou com a sua fé, filosofia e poesia, e que, na época, só percebíamos parcialmente. Essa beleza de presença humana motivou Gisa Maia, fundadora do Recanto da Transfiguração, a escrever: “Arnaldo é humano, terno, amigo, ‘cabeça de homem, mas coração de menino’, o que o leva a trilhar caminhos de confiança, proximidade, comunhão na diferença, com seus irmãos e irmãs da família humana”.

Procurando um pouco do concreto da história do MFC, uma riqueza incalculável, esparramada em escritos (verbo muito usado por Pe. Arnaldo), por todos os recantos e estantes do meu apartamento, escolhi ao acaso, na primeira descoberta (escolha completamente aleatória), uma reunião do Condir-NE, realizada em Maceió, Alagoas, na Creche Proamor, em 25 de março de 2006, da qual participei juntamente com o Pe. Arnaldo, então Assistente do MFC da Bahia; uma reunião administrativa, extenuante como sempre, com início às 8:00 e término às 20:30, em cuja ata, na parte relativa

a comunicações, o Pe. Arnaldo informa que foi um dos convidados, entre 3 pessoas da Bahia, a participar de uma reunião do Adveniat, ocasião em que foi solicitado a indicar três organizações cujos trabalhos melhor se enquadrassem no lema “Uma luz que brilha na escuridão”. Ele indicou a Pastoral da Criança, o MFC e a Pastoral Familiar. Sua escolha foi baseada nas características do trabalho realizado por essas organizações: a valorização da liberdade, a aceitação das diferenças do outro e o ecumenismo na busca da construção do Reino de Deus. Para reforçar o explicado, citou o livro “Todo credo é uma luz / um credo no terceiro milênio”. A ata registra, ainda, o encerramento da reunião, com uma poesia de avaliação criada na hora pelo Pe. Arnaldo, intitulada “Toda vanglória é uma glória vã”.

A extensão, diversidade e beleza da ação do Pe. Arnaldo na sociedade não podem ser resumidas em um só texto. O seu maior prazer era tornar os outros felizes. Ele se enquadrava perfeitamente nos versículos do Sermão das Bem-aventuranças:

“Bem-aventurados os mansos, porque possuirão a terra. Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque serão saciados”.

Tales Graco P. Silva
MFC – Salvador-BA

O Coração de Cristo no coração da matéria.

Teilhard de Chardin



Igualdade ou desigualdade. Eis a questão

Chico Whitaker*

Quando alguém acompanha de longe - como eu agora, a milhares de quilômetros do Brasil - as discussões que se travam entre os militantes de esquerda em nosso país, não deixa de ser impressionante a dificuldade que se está enfrentando para começar a revirar o jogo, depois da espetacular paulada que o PMDB este enorme e maquiavélico partido, que usufruiu dos bônus de todos os últimos governos sem arcar com ônus - conseguiu acertar bem no meio de nosso crânio. A multiplicidade e a intensidade das análises, autocríticas e propostas que surgem de todos os rincões a que tenho acesso, graças ao fenomenal serviço que as famosas redes sociais prestam a uma intercomunicação horizontal - sem nem se importar com as distâncias - me levam a concluir que agora sim, muito mais do que em tempos

de pré-impeachment, entramos em "estado de perplexidade" pós choque. Eu diria até que o que vemos no Brasil hoje é quase uma dança de baratas tontas. Com algumas vozes tentando colocar ordem no pedaço.

Fomos de fato surpreendidos, re-festelados que estávamos no tal de poder, com a velocidade máxima que a oposição ao PT e seus aliados imprimiu ao golpe parlamentar-mediático-jurídico que estavam urdindo há muitos anos. E tinham que fazer isso pois constataram que logo seriam também plenamente atingidos pela atuação dos organismos encarregados por um governo, que muitos deles apoiavam, de tentar cercear a doença endêmica do Brasil (e do capitalismo) que é a corrupção. Se o próprio partido desse governo não estava sendo poupado - pelo contrário, mais visado que os outros - eles ficaram realmente preocupados ao perceber que logo

chegaria a sua vez. Mas como se isso não bastasse, a oposição que construíram no país nos acertou logo em seguida outra paulada, a das eleições municipais. Em que constatamos que perdemos todos os votos dos que desta vez se abstiveram ou votaram branco e nulo, em número superior aos votos dados aos que venceram as eleições.

Mas diferentes como somos nas nossas estratégias para tentar construir um país justo, a diversidade do que está sendo proposto como saídas só consegue, por enquanto, aumentar a perplexidade. Da refundação do PT e do próprio Partido Comunista - tantos anos depois do fim da Guerra Fria e suas sequelas no imaginário social - à criação de um novo partido, desta vez novo para valer, levanta-se a necessidade de muitas frentes de esquerda. Inclusive seguindo o modelo da Frente Ampla, que no Uruguai conseguiu reunificar os sobreviventes de múltiplas experiências, entre as quais os da luta armada dos famosos Tupamaros - um dos quais acaba de cumprir um mandato presidencial e se tornar a figura emblemática do que gostaríamos que fosse todo governante.

Mas não temos remédio senão dar tempo ao tempo, para que a poeira vá baixando e consigamos ver um horizonte mais claro. Com a perspectiva otimista de que todas as propostas têm um ponto em comum: precisamos nos unir. É o mínimo aliás que se poderia esperar realisticamente, diante da desproporção do poder entre direita

e esquerda no Brasil. E um segundo critério emerge em muitas das propostas: diferentemente da ação da direita, nossa luta é de baixo para cima, a partir da consciência do povo sofrido, único realmente interessado em mudanças, neste país que se orgulha de ver sua classe média consumista aumentar, e que ganhou agora dirigentes políticos como o marido de uma artista plástica que não se incomoda em se mostrar inacreditavelmente alienada, politicamente.

Nosso problema está passando então a ser: unir-nos em torno do que? Um partido, uma liderança (nova ou velha), um programa de governo, um objetivo eleitoral, a mobilização popular, um projeto de nação?

Eu ousaria dizer, colocando mais uma boiazinha neste mar de angústias, que o que deveria diferenciar os blocos (não carnavalescos) de esquerda e direita no Brasil de hoje é a bandeira da igualdade. Igualdade ou desigualdade, eis a questão! Como cada um de nós se situa frente à proposta de uma sociedade igualitária? E isto em múltiplos e variados sentidos: do gênero ao étnico, da cor à origem, da idade ao nível de escolaridade, das regiões nacionais às áreas das cidades em que se vive, das oportunidades de vida melhor e condições de vida cotidiana, de acesso aos serviços essenciais para enfrentar a doença, etc. etc., de esperança.

Tenho a impressão de que poucos teriam a coragem de se declarar

partidários da desigualdade. Acredito que não ousaria fazê-lo nem o Ministro que está nos presenteando com uma mudança constitucional que não mexe no que o governo paga aos rentistas mas congela os gastos sociais. Um mínimo de coerência o obrigaria a explicar melhor a mágica que pretende fazer, ele que já foi ministro de um governo que estaria do nosso lado... Aliás nas famigeradas redes sociais alguém se surpreendeu com um tucano votando contra a 241, acostumados que estamos ao Fla-FLu histórico PT X PSDB...

Tenho o sentimento de que essa pista pode ser boa, para conseguirmos reunir mais gente em torno das propostas de esquerda. Aliás como tenho a ideia fixa do Fórum Social Mundial, eu me pergunto se não seria oportuno organizar um Fórum Social Temático (esta nova moda que emerge no processo do FSM) sobre uma sociedade igualitária no Brasil. Horizontal, livre, sem preconceitos, respeitando a diversidade, sem lideranças, gurus ou partidos (mas aberto aos seus militantes, obviamente).

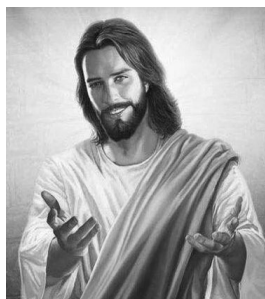
Aliás outra de minhas ideias fixas é o nuclear, como sabem meus

amigos e amigas. Pois estou testemunhando de perto, na França, a potencialidade unificadora de tais Fóruns, com a provável organização de um Fórum Social Temático europeu contra o nuclear civil e militar, em 2017. Ora, este é um caso mais do que tragicamente exemplar da capacidade dos defensores de uma tecnologia “contestada socialmente”, como disse a autora de um estudo a respeito, dividir a um nível inimaginável de enfrentamento recíproco, quase mortal, os que a ela se opõem. É bem verdade que estamos aqui frente a um poder descomunal, incrustado no orgulho nacional, que se estruturou ao longo de mais de 50 anos, apoiado em estratégias de defesa nacional, em estruturas de alta e vastíssima pesquisa, em posicionamentos de personalidades históricas, em grandes interesses comerciais do famoso complexo militar-industrial.

A fragmentação de nossa esquerda não chega a ser tão complicada e problemática, convenhamos. Talvez seja mais fácil nos unirmos.

Chico Whitaker é Arquiteto, um dos fundadores do FSM e criador do Projeto Ficha Limpa.

Transcrito do Boletim Rede



***Criação, Encarnação e da Redenção
devem ser vistos como três aspectos
complementares de um mesmo processo.***

Teilhard de Chardin

Família, Páscoa e Espiritualidade

Deonira L. Viganó La Rosa

Estava lendo um depoimento de Nizan Guanaes sobre sua experiência de oração quando me ocorreu o quanto poderia incentivar os leitores a também criarem o hábito de rezar. Mesmo que já o tenhamos lido, vamos voltar a relê-lo mais de uma vez, sobretudo neste tempo de Páscoa.

Não se trata de seguir um devocionário, de fazer promessas ou de rezar as mil ave-marias, como sei de grupos que se reúnem para fazê-lo, mas de meditar e tentar entender a espiritualidade como o Concílio Vaticano II a expressou.

A fé não é um modo de falar ou de pensar, mas sim, um modo de viver. O Concílio enfocou a Espiritualidade profética e libertadora que leva em conta a pessoa toda, não havendo dicotomia entre espírito e



matéria, coisas espirituais e coisas materiais.

A consequência disto é uma espiritualidade encarnada, inculturada, onde o ser cristão é assumir o Homem Novo, deixando-se transformar integralmente por Cristo e viver todas as realidades à luz da sua pessoa, segundo seus critérios, valores e sentimentos.

O cristão torna-se aberto ao outro. É sensível e solidário diante das injustiças, da dor, do sofrimento, da miséria e da fome.

O depoimento de Nizan Guanaes

“Inspirado por Abilio Diniz e pelo meu personal trainer, comecei a rezar todas as manhãs. Leio os jornais e depois rezo.

No início, foi como começar a correr e fazer exercícios, uma decisão intelectual, um gesto de disciplina, que você faz por obrigação e pouco prazer.

Mas, aos poucos, aquilo foi virando um oásis neste momento atribulado que, como qualquer empresário brasileiro, eu vivo.

Esta é uma crise braba, em que você tem que fazer sacrifícios para salvar o todo e vencer a crise. Um momento duro, de decisões duras, mas decisões necessárias e inadiáveis.

Neste momento, é preciso pedir a sabedoria que o jovem Salomão pediu a Deus. A sabedoria que David, o estadista, pediu tanto a Deus.

Só mesmo Deus vai nos dar, por meio de seu Espírito Santo, as virtudes que não temos. No meu caso, por exemplo: paciência, sabedoria, parcimônia.

Davi diz nos seus lindos Salmos que o Senhor salva o homem e a besta. Tem uma besta no homem. E, se deixar a besta solta numa crise como essa, a besta desembesta.

Não rezo para ser santo. Rezo para ser homem, para ser humano. No sentido divino desta palavra: ser um líder humano, um profissional humano, um marido humano, um pai humano.

Humano como Francisco, o Papa, que ao escolher seu nome já apontou o caminho. Que em dois anos tirou a Igreja Católica do intramuros do Vaticano e a trouxe de volta para os homens e as mulheres do mundo todo e de todas as fés.

Minha amiga Arianna Huffington, uma das empresárias e mulheres mais interessantes destes tempos modernos, me ensinou a prestar mais atenção em meditação em seu novo livro, "A Terceira Métrica", publicado no Brasil pela editora Sextante.

Nos Estados Unidos, só se fala em "mindfulness", em meditação. Até no Massachusetts Institute of Technology, o famoso MIT, Meca mundial da tecnologia, se fala disso.

Roberto Zeballos, que é um dos

médicos mais modernos do Brasil, fala muito em meditação.

Rezar é meditar. E fortalece muito o empresário. É bom para quem tem fé, é bom para quem quer ter fé, é bom para quem quer ter paz, é bom para quem quer ter foco e discernimento.

Quando você reza ou medita, você foca, concentra, reúne forças, toma o controle da sua vida. Você toma o controle da besta, como a inveja, a usura, o olho gordo, a pequenez, o medo e os instintos animais que existem em cada um de nós.

Sem a oração e a meditação a gente desembesta a fumar, a beber, a tomar Rivotril. Desembesta a sofrer e a passar as noites acordado. Desembesta a pensar com o fígado em vez de pensar com a cabeça, com o coração e com a alma.

A besta é uma má pessoa e um péssimo empresário. Rezar é o meu antídoto contra ela.

A oração torna todo dia o dia 25 de dezembro. Por meio da oração nasce a cada dia um menino Jesus em nós. Rezar é um Natal na alma.

Acreditar em Deus evita que a gente se ache Deus. E evita que a gente seja movida pela besta que está no homem.

É por isso que, a cada manhã e a cada noite, eu rezo. Não para ser santo, como disse, mas para não ser besta. Para ser homem."

*Deonira L. Viganó La Rosa
Terapeuta de Casal e Família.
Mestre em Psicologia.*

CANTO BÍBLICO



Não era fácil ser mulher na Palestina no tempo de JESUS. Bom lembrar que o Senhor foi criado e educado dentro daquela realidade e naturalmente percebia isso! Observar que em Mt. 1,1-17 no seu todo as mães não são citadas, exceção explícita de Maria Naquela cultura somente o homem gerava filhos enquanto a mulher apenas “oferecia” a criança ao seu esposo. Tem mais: a mulher era propriedade do pai ou do marido.

Não se aceitava o seu testemunho porque a sua palavra de nada valia. Fora de casa teria de andar de véu porque cabeça descoberta era comportamento de prostitutas e de estrangeiras. Se menstruada, tempo era de ser considerada impura assim como impura se tornavam pessoas e coisas nas quais ela tocava durante aquele ciclo fisiológico (Lv.22,19). Havia mais: enquanto o seu organismo assim procedesse elas não poderiam participar de cultos. Outra: dando à luz a um menino ficava uma semana impura mas se fosse a uma menina... seriam 2 semanas (Lv.12,2-5). No divórcio somente o marido poderia apresentar no templo a carta de separação.

Lendo Mt.14,21- comentando a multiplicação dos pães- descreve-se lá multidão formada de “uns cinco

mil homens sem contar mulheres e crianças”. Mulher e criança não eram contadas em número! Entendida assim fica aquela conhecida oração do judeu ao se levantar, oração essa que deve ter sido ouvida muitas vezes por Jesus. Nela os homens agradeciam a Javé por não terem nascido estrangeiro, escravo...e nem mulher!

Tudo isso era sintonizado tranquilamente com o que está em Ex.20, 17 onde se lê: “ Não cobiçarás a casa de teu próximo, não desejarás a sua mulher, nem o seu servo, nem a sua serva, nem o seu boi, nem o seu jumento nem coisa alguma que pertença a teu próximo”. Assim a mulher, o jumento e o boi eram de forma igual propriedade do homem! Não para estranhar a grande adesão das mulheres às palavras de JESUS quando o Senhor falava ao seu povo porque se vivia numa sociedade que colocava a mulher sempre no rodapé das coisas! Faz parte de nosso profetismo ler tudo escrito acima, claro! Dentro de um contexto de época. Caso contrário não poderemos avaliar o quanto já se lutou e avançou para comemorar o 8 de MARÇO como o DIA INTERNACIONAL DA MULHER!

*Transcrito do Boletim
CONTATO de JF-MG*



CONSIDERAÇÕES SOBRE O ATO DE REZAR

Oscavo/Terezinha.

Muitos acreditam não ser necessário transformar este tema em um objeto de reflexão. Entre eles estão os ateus, os agnósticos e os demais materialistas que não valorizam, devidamente, a oração.

Entretanto, a história da vida humana demonstra, por uma infinidade de situações, a presença e a força da oração no cotidiano de todas as categorias em que os seres humanos possam estar partilhando suas experiências de vida. Se por um lado o ato de rezar, com fé, se constitui como um excelente recurso de CONVERSÃO, POR OUTRO, SÃO MUITOS OS DE VIDA SANTIFICADA QUE AFIRMAM SER UM DIA SEM ORAÇÃO UM DIA VAZIO, já que a oração é o sol que brilha em todo e qualquer quadro de necessidades da pessoa humana.

Quem manuseia atentamente a BÍBLIA, percebe que o criador, ao completar a obra da criação do universo, não abandonou aqueles que

foram criados à sua imagem e semelhança. Por vontade e amor de DEUS ficou estabelecida uma forte e majestosa ponte sempre a disposição do ser humano, um ser de necessidades, e o criador de todas as coisas, sempre disposto a ouvir. ESTA PONTE É A ORAÇÃO.

Os livros, filmes, documentos e testemunhos mostram que o número de pessoas que fizeram uso desta ponte para conversar com Deus é muito grande e independe de opção por esta, ou aquela, religião institucionalizada. Entre estes, estão os pais que pedem por seus parentes em situações de necessidade, os filhos que pedem pelo amor de seus pais, perambulando pelas ruas, vítimas de drogas e joguetes de prostituição e os casais em busca de harmonia conjugal.

Também fizeram uso desta ponte perene Moisés e Arão enquanto conduziam o povo hebreu até a terra prometida, Maria a mãe de Jesus em súplica por milagre a Jesus e em

sua súplica pelo fim do sofrimento de seu filho, São Francisco de Assis que nos deixou a oração pela paz, Nelson Mandela em suas ações por unificação social e Madre Tereza de Calcutá um ícone da doação incondicional de si mesma.

É Deus, o criador de tudo, que em um de seus gestos de misericórdia convida-nos ao diálogo via oração. Logo, não será ouvido quem, de forma messiânica, dirigir-se a Deus em oração. Será traído pelo orgulho, egoísmo, individualismo e arrogância, características típicas dos que têm uma personalidade voltada para a perseguição, a escravidão e o ódio em continuada defesa de sua ânsia de poder e riqueza que acabam com a própria morte. É preciso ter em mente que Deus não ouvirá a oração de quem orar com o coração dividido entre o sagrado e o profano. Chega de adoração aos “bezerros de ouro” seja qual for a sua forma de manifestação cultural na atualidade.

São pilares de sustentação da ponte que une as pessoas quando se reza, entre outros: - A lealdade. Não se pode servir a dois ou mais deuses. É preciso dar a Deus o que é de Deus e a Cesar o que é de Cesar. A lealdade não se vende não se compra e nem se troca seja nas hostes palacianas ou na escuridão das ruas.

- A Fé. Não é sem razão que Jesus, após a cura do cego, disse: -“VAI, TUA FÉ TE SALVOU”. A oração sem fé é incompleta, vazia de sentido e tende a um comportamento falso que conduz fatalmente ao erro;

- A HUMILDADE. O ato de rezar deve ser construído nas profundezas de um coração humilde. Assim, diz a máxima cristã: -“Quem se humilha será exaltado, quem se exalta será humilhado”. No templo, quem teve a oração atendida foi o publicano que, em oração, pediu perdão por ser um pecador;

- A MISERICÓRDIA. A ação concreta do amor que perdoa. É promotor da união, estimulador da fé e praticando a pedagogia da esperança converte e é um convite a alegria de viver em conversão buscando a espiritualidade. Rezar com misericórdia é conviver com DEUS, AMOR QUE VEM AO ENCONTRO DE QUEM REZA.

Rezar com misericórdia leva o ser humano a romper com o egoísmo, o individualismo, o autoritarismo, a prática de preconceitos e de gestos de exclusão social, a atração religiosa a riqueza, ao poder e ao prazer.

Rezar com misericórdia é ato de vontade (Santa Terezinha), é oração com a vida que leva a uma caminhada, cada vez mais acelerada rumo ao encontro com a felicidade, ou seja com o amor cujo nome é DEUS.

Quanto mais se reza com investimento de vida, mais firme é a fé, a lealdade ao senhor, a conversão ao ser humilde e a prática alegre da misericórdia. Estes são fatores necessários ao COMPROMISSO FEITO COM DEUS EM RELAÇÃO COM A DEFESA DOS ELEMENTOS DA

NATUREZA e com a preservação de nossa casinha a terra, espaço da suprema misericórdia de Deus cuja preservação foi confiada a todos os seres humanos.

- QUAL TEM SIDO O SEU COMPORTAMENTO EM RELAÇÃO AO ATO DE REZAR?

Informação bibliográfica: - Bíblia Sagrada, Edição Pastoral; O nome de Deus é Misericórdia. (Papa Fran-

cisco); Misericórdiae Vultus (O rosto da misericórdia), Papa Francisco; Misericórdia ET misera, Papa Francisco (carta apostólica); A Oração, Pe. José Antero de Macedo (C.S.S.R.); Cinco minutos com Deus e Madre Teresa. (Roberta Bellinza-ghi / organizadora); Sustentabilidade (O que é – O que não é).

Oscavo/Terezinha. Professores/ membros do MFC/Juiz de Fora.

MENSAGEM PARA UMA REFLEXÃO QUARESMA

Está inscrito, nos diversos meios de comunicação, das mais diversas formas, para que o povo de Deus apreenda e exercite: - OLHO POR OLHO E DENTE POR DENTE. Jesus, porém, ensina: - “Se alguém lhe dá um tapa na face direita, oferece-lhe também a esquerda”.

Se alguém quiser abrir um processo para tomar sua roupa, ofereça-lhe também um agasalho. Dá a quem lhe pedir e não vire as costas a quem lhe pede emprestado.

Ame os seus inimigos e reze por aqueles que lhe perseguem. Este é o caminho através do qual você se tornará filho de Deus, aquele que faz nascer o sol e cair a chuva sobre os justos e os injustos.

Procure ser a imagem e semelhança de nosso pai celeste uno e trino. Supere seus preconceitos e seu egoísmo. Enfim, torne fecundo o trabalho dos que defendem a vida.

(Inspiração bibliográfica: - Evangelho)





ENTRAR EM QUARESMA

Pe. Dalton Barros de Almeida CSsR.*

Os de mais idade deixem de lado alguns modos (e medos) populares de viver a Quaresma. Coisas de outros tempos. Já foi! Nós Igreja católica hoje, estamos mesmo é atentos a Jesus de Nazaré, o crucificado que vive para sempre, ressuscitado dentro do Mistério do Deus que amamos, acolhido como Amigo de todos os humanos e de uma vida plena, enquanto possível começada já. É Ele que nos assegura ser a plenitude alcançável, e o será, ao final, eterna. Participando da eternidade divina.

QUESTÃO DE PLENITUDE.

O Ano Litúrgico do qual participamos é caminho de Fé. Como outro Moisés, nós hoje entramos na Tenda do Encontro. Entrar em Quaresma inova em nós a procura do sentido da vida com as virtualidades próprias a cada pessoa e suas circunstâncias. Como Moisés, somos da liderança para a libertação. E nossa Fé não é ficção, é realidade viva e atuante. Em questão, pois, a “plenitude” do ser-com e ser-para. O que requer integração (a se re-

compor) e requer assimilação dos valores que ocupam os espaços de nosso viver.

ENTRADA EM REVISÃO.

Quaresma traz a revisão do nosso projeto existencial, cristãos que somos. Revisão do cotidiano que concretiza nossos valores, não poucas vezes um cotidiano fragmentado. São dias (40) a rememorar e rerepresentar Jesus de Nazaré no Deserto, assim como o evocar o Jardim das Oliveiras, paradigma de certas noites escuras nossas. Revisão a nos remeter à Oração (“Sim, Pai... Pai nosso...”) e ao que é nosso trato com os sofrimentos da vida.

Revisão: revisar-nos decididamente (= conversão) à luz do que sucedeu a Jesus. Da cruz à luz vamos evoluindo do menos ao mais, do ruim ao bom, do bom ao melhor. E, quem dera, do melhor ao ótimo. Em nosso caso, as coisas a revisar dizem respeito à conjugalidade, à família, à cidadania. Quaresma no MFC refere-se à qualidade de vivermos Equipe-base, à fidelidade à missão: pertença, presença, participação, corresponsabilidade na

construção de um mundo melhor segundo o coração de Deus, O Pai que está nos céus.

COMBATE ESPIRITUAL.

A Quaresma, pois, celebra o sair do adormecimento para o combate espiritual. Investir na “vida nova” (Mt 13,33), dado que somos enviados de Cristo (2Cor. 5,20), a serviço do Reino. O sugestivo rito da “Cinza” recoloca sobre cada pessoa o apelo a viver orante, jejuando e servindo à libertação das opressões. Donde emerge a Campanha da Fraternidade.

Quaresma como combate espiritual é caminho de purificação. Educar os sentidos e evangelizar nosso mundo interior (que profundezas!) para uma real intimidade com o Espírito Santo de Deus que mora em nós. Combate espiritual é igualmente purificação ativa do entendimento: - Quem é Jesus Cristo, e quem somos nós para Ele, e qual serviço lhe presta o MFC? Combate espiritual é igualmente purificação da memória. Há que revisar caminhos percorridos, resignificando feridas e falhas no viver de Deus-conosco. O que nos deixará com uma memória agradecida: confiar, agradecer, bendizer, sentir a força da Esperança. Combate espiritual implica ainda

em deixar o Espírito derramado em nossos corações agir em nós. Dar ao Divino o espaço para Ele intervir: Oração, Jejum, fraternidade.

RENASCER.

A Quaresma culmina com a Ressurreição. Em memória Dele, ressuscitado, ressurgirmos como pessoas novas. O que conecta com a graça da alegria e da ternura vividas em todos os matizes e nuances do AMAR. Amor à Trindade, à vida, ao cotidiano familiar, aos outros excluídos; amar a Igreja, da qual Mefestistas somos porção. Vale evocar a oração de Jesus: - O amor, Pai, com que me amastes esteja neles e Eu com eles. Jo 17,26.

Entrar em Quaresma, afinal, está a nos dizer que o Tempo Litúrgico celebra Deus-conosco, e não pode ficar sem conexão com as histórias de nossas vidas e sem poder levar adiante a vida. Sempre alto, sempre inteiros. Quaresma ilumina o trem da vida, senão apequenamos o Evangelho para não precisarmos de nos converter. E converter-se é se comprometer.

Pe. Dalton Barros de Almeida CSsR.
é Assessor do MFC - Juiz de Fora

Transcrito do CONTANTO

***O futuro é mais bonito do
que todos os passados.***

Teilhard de Chardin





O crucificado de hoje e o crucificado de ontem

Leonardo Boff*

Hoje a maioria da humanidade vive crucificada pela miséria, pela fome, pela escassez de água e pelo desemprego. Crucificada está também a natureza devastada pela cobiça industrialista que se recusa a aceitar limites. Crucificada está a Mãe Terra, exaurida a ponto de ter perdido seu equilíbrio interno que se mostra pelo aquecimento global.

Um olhar religioso e cristão vê o próprio Cristo presente em todos estes crucificados. Pelo fato de ter assumido totalmente nossa realidade de humana e cósmica, ele sofre com todos os sofredores. A floresta que é derrubada pela motosserra significa golpes em seu corpo. Nos ecossistemas dizimados e pelas águas poluídas, de continua sangrando. A encarnação do Filho de Deus estabeleceu uma misteriosa solidariedade de vida e de destino com tudo o que ele assumiu, nossa inteira humanidade e tudo o que ela pressupõe de sombras e de luzes.

O evangelho mais antigo, o de São Marcos, narra com palavras terríveis a morte de Jesus. Abandonado por todos, no alto da cruz se sente também abandonado pelo Pai de bondade e de misericórdia. Jesus grita:

“Meu Deus, meu Deus porque me abandonaste?” E dando um braço, Jesus expirou (Mc 15.14. 3????).

Jesus morreu não porque todos nós morremos. Ele morreu assassinado sob a forma mais humilhante da época: a pregação na cruz. Pendendo entre o céu e a terra, durante três horas agonizou na cruz.

A recusa humana pode decretar a crucificação de Jesus; mas ela não pode definir o sentido que ele conferiu à crucificação imposta. O crucificado definiu o sentido de sua crucificação como solidariedade para com todos os crucificados da história que, como ele, foram e serão vítimas da violência, das relações sociais injustas, do ódio, da humilhação dos pequenos e do rechaço à proposta de um Reino de justiça, de irmandade, de compaixão e de amor incondicional.

Apesar de sua entrega solidária aos outros e a seu Pai, uma terrível e última tentação invade seu espírito. O grande embate de Jesus agora que agoniza é com seu Pai.

O Pai que ele experimentou com profunda intimidade filial, o Pai que ele havia anunciado como misericordioso e cheio de bondade. Pai com traços de mãe carinhosa, o Pai cujo Reino ele proclamara e antecipara em sua práxis libertadora, este Pai agora parece tê-lo abandonado. Jesus passa pelo inferno da ausência de Deus.

Por volta das três horas da tarde, minutos antes do desenlace final, Jesus gritou com voz forte: “Elói, Elói, lamá sabachtani: Meu Deus, Meu Deus, por que me abandonaste”? Jesus está às raias da desesperança. Do vazio mais abissal de seu espírito, irrompem interrogações pavorosas que configuram a mais assustadora tentação sofrida pelos seres humanos e agora por Jesus, a tentação do desespero. Ele se interroga:

“Será que não foi absurda a minha fidelidade? Sem sentido a luta sustentada por causa dos oprimidos e por Deus? Não ter iam sido vãos os riscos que corri, as perseguições que suportei, o aviltante processo jurídico-religioso a que fui submetido coma sentença capital: a crucificação que estou sofrendo?

Jesus encontra-se nu, impotente, totalmente vazio diante do Pai que se cala e com isso revela todo o seu Mistério. Jesus não tem mais ninguém a quem se agarrar.

Pelos critérios humanos, ele fracassou completamente. A própria certeza interior se lhe esvai. Apesar de o sol ter tramontado de seu horizonte, Jesus continua a confiar no Pai. Por isso grita com voz forte; “Meu Pai, meu Pai!”. No auge do desespero, Jesus se entrega ao Mistério verdadeiramente sem nome. Ele lhe será a única esperança para além de qualquer segurança. Não possui mais nenhum apoio em si mesmo, somente em Deus que se escondeu. A absoluta esperança de Jesus só é compreensível no pressuposto de seu absoluto desespero. Onde abundou a desesperança, superabundou a esperança.

A grandeza de Jesus consistiu em suportar e vencer esta assustadora tentação. Esta tentação lhe propiciou uma entrega total a Deus, uma solidariedade irrestrita a seus irmãos e irmãs também desesperados e crucificados ao largo da história, um total desnudamento de si mesmo, uma absoluta descentração de si em função dos outros. Só assim a morte é morte mesmo e poderá ser completa; a entrega perfeita a Deus e aos seus filhos e filhas sofredores, seus irmãos e irmãs menores.

As últimas palavras de Jesus mostram esta sua entrega, não resignada e fetal, mas livre; “Pai, em tuas mãos entrego o meu espírito ” (Lc 23,46). “Tudo está consumado” (Jo 19,30)!

A sexta-feira santa continua, mas não possui a última palavra. A ressurreição, como irrupção do ser novo é a grande resposta do Pai e a promessa para todos nós.

Leonardo Boff é Teólogo e escritor.

Transcrito do Boletim Rede



Quaresma é um tempo para jejuarmos alegremente de certas coisas e também para festejar outras como mostrar aos filhos a brotação da natureza. Tempo de jejuarmos de julgar os outros e festejar porque Deus habita neles. Jejuar de fixarmos sempre nas diferenças e festejar por aquilo que nos une na vida. Jejuar das trevas de tristeza e celebrar a luz que brilha quando falamos sobre a semente que será uma árvore.

Tem mais: jejuar também de pensamentos e palavras doentias e alegrarmo-nos com palavras carinhosas e edificantes. Jejuar de desilusões e festejar a gratidão. Jejuar do ódio e festejar a paciência santificadora. Jejuar de pessimismos e viver a vida com otimismo como uma festa que continua. Não poderemos nos esquecer de um outro jejum: abster-se de preocupações desnecessárias, queixas e egoísmos mas festejar a esperança e a Divina Providência. Jejuar de pressas e angústias fazendo festas em oração contínua à verdade eterna. Quaresma é tempo de encontro com Deus!

Neste tempo quaresmal necessário fazer jejum penitencial pelas nossas ausências, mas lembrando sempre que estar presente não é simplesmente ocupar um espaço físico. Por isso mesmo que presença não poderá ser reduzida ao simples contato pessoal e tão pouco ao toque. Daí importante jejuar pelo nosso comodismo de viver afastado um do outro - marido-mulher terão de ser testemunhas quaresmais disto ano todo - porque assim procedendo os dois poderão arriscar o esvaziamento do matrimônio. Como se sabe não é a falta de presença que nos desespera esim a solidão. Outra coisa: nosso jejum também por todas as vezes que não valoramos o prazer de ver a beleza e riqueza da criação de Deus, esse bioma lindo que nos cerca!

Transcrito do Boletim Contato de JF-MG

Sair porta afora. O Ano do Laicato

“O Sucessor de Pedro se mostra atento ao atual momento em que se encontra o país e pede união aos fiéis brasileiros”

O Ano Litúrgico católico iniciou-se no primeiro domingo do Tempo do Advento, 26 de novembro, com a celebração de Cristo, Rei do Universo, e foi eleito o Ano Nacional do Laicato. Com o intuito de promover a transformação da sociedade, traz como tema “Cristãos leigos e leigas, sujeitos na ‘Igreja em saída’, a serviço do Reino”.

O bispo de Caçador (SC) e presidente da Comissão Episcopal Especial para o Ano do Laicato, dom Severino Clasen, disse que se trata de celebrar o seguimento a Cristo, que “leva o cristão leigo a tornar-se, de fato, um missionário na família e no trabalho, onde estiver vivendo”.

O Ano do Laicato tem como objetivo geral: “Como Igreja, Povo de Deus, celebrar a presença e a organização dos cristãos leigos e leigas no Brasil; aprofundar a sua identidade, vocação, espiritualidade e missão; e testemunhar Jesus Cristo e seu Reino na sociedade”.

Por meio do secretário de Estado do ‘Vaticano, o Papa Francisco encaminhou ao Brasil uma carta saudando a abertura do Ano Nacional do Laicato, na qual pede que todos os leigos e leigas brasileiros se sin-



tam animados a dar continuidade ao que chama de “nova saída missionária”. O Santo Padre pede que os fiéis católicos não se confinem em suas paróquias e levem a palavra do Evangelho mundo afora. “Não se trata simplesmente de abrir a porta para que venham, para acolher, mas de sair porta afora, para procurar e encontrar”, exortou.

Além disto, o Sucessor de Pedro se mostra atento ao atual momento em que se encontra o país e pede união aos fiéis brasileiros. “E, nesse momento particular da história do Brasil, é preciso que os cristãos assumam a responsabilidade de ser o fermento de uma sociedade renovada, onde a corrupção e a desigualdade deem lugar à justiça e à solidariedade”, afirmou.

Para tanto, “nós temos um longo caminho a percorrer para que, cada vez mais, os fiéis leigos e leigas possam ser de fato sujeitos na Igreja em saída e sal da terra e luz do mundo”, disse o arcebispo de Brasília (DF) e presidente da CNBB, cardeal Sérgio da Rocha, visando celebrar e

motivar uma participação maior de leigos e leigas na vida da Igreja e da sociedade.

O Ano do Laicato vai vivenciar eventos marcantes, como o 14º Intereclesiais de CEBs.

As CEBs, Comunidades Eclesiais de Base, são, na Igreja, pequenas comunidades de pobres e pessoas solidárias aos pobres. Nasceram após o Concílio Vaticano Segundo, são “a célula inicial, o primeiro fundamental núcleo eclesial” (Medeillin 15, 10), a “expressão do amor preferencial de Igreja pelo povo simples” (Puebla, 643) e “têm sido escolas que têm ajudado a formar cristãos comprometidos com sua fé, discípulos e missionários do Senhor (Aparecida 178)”.

O Intereclesiais de CEBs são encontros de articulação entre as CEBs para trocar experiências e reflexão teológica e pastoral. O primeiro aconteceu em 1975 em Vitória e o 14º em Londrina e terá como tema “CEBs e os desafios urbanos” e lema “Eu ouvi os clamores do meu povo e desce libertário. O encontro reunirá bispos, religiosos(as), presbíteros, assessores(as), animadores leigos e leigas das CEBs, bem como convidados de outras igrejas cristãs. Nele se expressará a comunhão entre fiéis leigos e seus pastores, neste Ano do Laicato.

Equipe igreja em Marcha

Grupo de leigos católicos

Transcrito da Tribuna de Minas

AVISO AOS ASSINANTES

1. Para renovação de sua assinatura utilize **PREFERENCIALMENTE** o envelope de depósito bancário que lhe for encaminhado.

2. Se utilizar outro envelope ou fizer uma transferência, **NÃO DEIXE DE NOS INFORMAR**, pelo telefone (32) 3214.2952, de 13:00 às 18:00 h ou pelo endereço eletrônico da livraria: livraria.mfc@gmail.com

3. Caso a remessa de sua revista seja interrompida, favor também nos comunicar pelos meios acima, pois seu pagamento poderá estar pendente de identificação.

4. O vencimento de sua assinatura será comunicado com a remessa do último número pago, juntamente com o envelope bancário para depósito da renovação.

Temos o máximo interesse em continuar a mantê-lo como assinante.



Conflitos éticos na terminalidade da vida

Bruno Fernando da Silva Reis*

Estamos envelhecendo... Fato! O que a medicina enxergou como cura hoje se tomou crônico... Crônico que pode progredir e ameaçar a vida.. Ainda entra o cuidado paliativo, uma modalidade de cuidado que busca qualidade de vida no tempo que se resta para pacientes/familiares que se encontram diante de uma doença ameaçadora da vida. Infelizmente, cuidado paliativo ainda é muito confundido com eutanásia!

Eutanásia, etimologicamente falando, significa “boa morte”, porém é crime em nosso país. Por quê? Eutanásia significa abreviar a vida de um paciente a pedido deste ou não, diante de um quadro de intenso sofrimento físico-emocional-social, sendo que esta pode ser feita de forma ativa (por exemplo: uma injeção letal) ou passiva (por exemplo: não realizar um determinado procedimento, como por exemplo uma intubação, no caso de uma “falta de ar extrema”). Deve haver um sentimento de compaixão entre quem pratica o ato e o paciente, com o objetivo de cessar o sofrimento. O paciente parte, antes da hora!

Ortotanásia, etimologicamente falando, significa “morte no tempo certo”, o que se aproxima do cuidado paliativo. O paciente é acompanhado, sem jamais ficar abandonado, porque os procedimentos invasivos já não são benéficos, sendo a prioridade o controle de sinais/sintomas e busca por qualidade de vida no tempo que se tem pela frente. É como se médico e paciente estivessem caminhando lado a lado... No mesmo ritmo! Isso é ortotanásia: proporcionalidade nos tratamentos/cuidados instituídos.

Distanásia, etimologicamente falando, significa uma “morte ruim/prolongada”, termo que se confunde com obstinação terapêutica, quando o profissional da área de saúde, geralmente o médico, não enxerga o processo de morrer em curso, e os investimentos invasivos são realizados, mesmo com a ciência de que não vão alterar o curso da doença, cujo desfecho, inevitavelmente, será o óbito. Paciente/família expostos a franco sofrimento desnecessário...

Mistanásia, anteriormente referida como “eutanásia social”, significa

o paciente que não teve acesso ao sistema de saúde, ficando à margem deste, morrendo em corredores de hospitais, esperando vagas em unidades de terapia intensiva ou mesmo procedimentos cirúrgicos... É o que vemos nos jornais! A realidade dos hospitais públicos brasileiros! E Kalotanásia? Etimologicamente, também significa “boa morte”, porém, aqui, paciente/família puderam ressignificar todo esse processo de finitude e estão sendo abordados dentro da filosofia do cuidado paliativo.

Muitos termos e complexidade de pensamentos! Simplificando: - Sr. João, com 87 anos, com diagnóstico de câncer de próstata avançado, com metástases ósseas, vem nos últimos seis meses perdendo peso, adquiriu lesões por pressão (“escaras”), já se alimenta por dispositivo de alimentação artificial (gastrostomia) e teve cinco episódios de infecção com necessidade de duas intervenções. Hoje não consegue ficar em pé, já que suas pernas nos últimos dois meses vêm enfraquecendo...

Sr. João possui dor EM Dor 8/10 em coluna lombossacra irradiada para MMÍL, em queimação e de forte intensidade, com prejuízo do sono.

Como agir? Receita de bolo? Nunca! Sr. João é sr. João! Dona Maria será dona Maria... Vidas e biografias diferentes! Sofrimentos distintos que precisam ser amenizados, urgentemente! Cuidado paliativo é um direito universal segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS). Onde ele está? Por que há tanta carência?

Como iremos resolver todos esses conflitos éticos? O que será o certo e o errado? Ou o que será, simplesmente, o proporcional... Refletir

*Bruno Fernando ds Silva Reis é
Especialista em clínica médica
com área de atuação em medicina
paliativa pelo Hospital do Servidor
Público Estadual de São Paulo
Transcrito da Tribuna de Minas*

Refletir: Qual a forma mais caridosa e humana de tratar um doente terminal

A Nova Era se caracteriza por uma elevação, uma expansão e uma renovação. A conquista do espaço é um acontecimento marcante, um compromisso com o nosso mais longínquo passado, uma volta às origens em busca do Homem Celeste, nosso irmão gêmeo.

Teilhard de Chardin



Uma faceta da dependência química

Regina Célia Mendes

A dependência química atinge milhares de pessoas. Ignora distinções de classes sociais, nível de escolaridade, etc. Pode levar à alienação, ao rompimento de laços familiares, à criminalidade e, até, à morte. Numa sociedade onde predominam a negação do sofrimento e o dever de ser feliz, a droga é tida como uma das possíveis saídas para o alívio da angústia, que é inerente à existência humana.

Na adolescência, período de incertezas, é que geralmente se conhecem as drogas. Como atravessar esta fase tão delicada sem ser seduzido por elas?

O desenvolvimento da personalidade é contínuo e se dá através das relações familiares e do meio social. Estas relações são processos de vinculação com o outro, e nelas formam-se os valores, as referências.

Num passado recente, as referências de autoridade como os pais ou o professor, por exemplo, norteavam as escolhas dos jovens. Numa sociedade cada vez mais desligada

da tradição, marcada por um enorme individualismo e uma constante busca de satisfação imediata, surgem adolescentes em crise de referências, com os vínculos enfraquecidos e sob o jugo da ditadura da felicidade. Desta forma, tornam-se jovens semelhantes a um barco à deriva, mantendo sentimentos de solidão, frustração e consequente vulnerabilidade. Esta é uma das, entre outras, condições para trilhar o caminho das drogas.

A presença acolhedora de alguém que dê um espaço à fala do adolescente, que o escute, sem pressa e sem exigências excessivas, é muito importante para que ele se organize emocionalmente, descubra seus valores, resgate sua autoestima. Desta forma, possibilita que se torne um cidadão, não alienado, usufruindo da liberdade, conhecedor de seus direitos e deveres.

Transcrito da Tribuna de Minas

Regina Célia Mendes é Mestre em psicologia e psicanálise, especialista em pesquisa social e psicóloga do Caps



A naturalização da desigualdade

Oscar Vilhena Vieira*

A desigualdade não é um acidente na história de uma sociedade, mas sim fruto de deliberadas escolhas políticas e institucionais que favorecem a concentração de renda, bens e benefícios públicos. A situação do Rio de Janeiro, que em muito se aproxima de outras regiões brasileiras, deveria deixar claro, por sua vez, que quando a desigualdade é profunda e persistente ela compromete fortemente o devido funcionamento das instituições e a própria coesão social.

Apesar dos esforços de distribuição de riqueza por intermédio do acesso à educação, saúde, saneamento básico e mesmo assistência social, articulados pela Constituição de 1988, o Brasil não se tornou um país mais justo nas últimas décadas. Como aponta relatório da Oxfam, os 5% mais ricos detêm 95% da renda nacional. As 6 maiores fortunas concentram o mesmo que 50% da população.

Para muitos, isso demonstra o equívoco da estratégia social democrata adotada em 1988. Não questiono a enorme ineficiência dos serviços essenciais providos à população mais carente. Mesmo assim, os indicadores sociais apontam para uma relativa melhoria das condições de vida dos mais pobres. O fato, porém, é que mesmo a redução da pobreza não redundou numa significativa redução da desigualdade.

A principal razão desse paradoxo parece estar na natureza altamente regressiva de nosso sistema tributário, associada aos diversos benefícios regidamente oferecidos aos mais ricos, como juros subsidiados, exonerações e renúncias sobre lucros e dividendos, opulentas aposentadorias, além do simples perdão dos que devem muito ao fisco.

O problema é que esse padrão de abissal desigualdade institucionalmente entrincheirado corrói o tecido social e perverte o modo como as instituições republicanas

funcionam. De um lado a desigualdade inibe a construção de relações de reciprocidade, dificultando que as pessoas vejam a si, e aos demais, como merecedores de igual respeito e consideração. A exclusão e os privilégios, e não verdadeiros direitos, passam a determinar as relações sociais. Numa sociedade individualista e de consumo, como a brasileira, isso redundaria necessariamente em tensão social, violência e banalização da vida. Os mais de um milhão de homicídios nas duas últimas décadas são a face brutal do esgarçamento de nosso tecido social.

De outro lado, o enorme desequilíbrio de poder dentro da sociedade, decorrente da extrema desigualdade, também impacta o modo como as instituições e os diversos segmentos da sociedade se relacionam. Causa perplexidade a facilidade com que setores afluentes conseguiram capturar as instituições democráticas para extrair benefícios inaceitáveis do poder público. Inversamente proporcional é o tratamento dispensado pelas instituições aos mais pobres,

especialmente quando vistos como ameaça. Aí a regra é o descaso, o arbítrio e a violência. O resultado de tudo isso é uma imensa e crescente desconfiança nas instituições.

A saída dessa crise mais profunda dependerá da construção de um novo projeto de nação, mais inclusivo. Sem truques, onde aquilo que é dado com uma mão não seja retirado com a outra. Um projeto que reabilite as instituições a exercerem com legitimidade o arbitramento dos conflitos. A sociedade brasileira mudou e dificilmente tolerará os atuais padrões de violência, corrupção e ineficiência sem reagir.

Oscar Vilhena Vieira formou-se em direito pela PUC-SP, é doutor pela USP e pós-doutor pela Universidade de Oxford.

Transcrito da Folha de São Paulo

Refletir:

- 1) Sobre a veracidade e as consequências para o povo do conteúdo do segundo parágrafo.
- 2) Em face do que foi discutido você concorda com a segunda afirmação grifada.

A crise nada mais é do que um mal do crescimento por meio do qual se exprime em nós, como no trabalho de parto, a lei misteriosa que da mais humilde química à mais elevada síntese do Espírito, faz com que todo o processo rumo a uma unidade maior se traduza e se transmita, a cada vez, em termos de trabalho e de esforço.

Teilhard de Chardin



CIDADANIA REFLEXIVA



CONSIDERANDO QUE:

- As pessoas, sua maioria, ainda têm liberdade para pensar;

- A cidadania tem fundamento nos limites da liberdade e no respeito ao direito à vida com igualdade e com segurança;

- A construção da paz, coerente e comprometida com a proposta da misericórdia, recomendada pelo Papa Francisco;

- A equipe editorial de F&R coerente com a importância de VER, JULGAR, AGIR, AVALIAR E REFLETIR valorizando a família em missão, criou, a partir da edição nº 100 o espaço chamado de CIDADANIA REFLEXIVA. Aqui estarão reunidas até cinco contribuições, sob a forma de pequenas constatações, de autores diferentes. São documentos que pretendemos serem estimuladores de reflexões individuais ou grupais sobre a realidade que as pessoas vivem, neste momento histórico, bem como suas projeções sociais, políticas e econômicas mais diversas.

1ª CONTRIBUIÇÃO:

- Um missionário perguntou a um cidadão: - Para que serve o corpo humano? Diante do silêncio como resposta, o questionador respondeu: - O corpo não deve servir

para a imoralidade, mas para servir ao senhor. Por ventura, você ignora que seu corpo é membro de Cristo, o verbo encarnado? -Fato e razão, propõe ao leitor, uma reflexão contextualizada sobre o que é moral e o que é imoral em convivência social, centrada na realidade Brasileira.

2ª CONTRIBUIÇÃO:

- Ensina a seu filho e aos demais que não ter talento esportivo, não ter corpo de modelo e nem físico de atleta não é motivo para perder a autoestima. Afinal, a felicidade não se compra e nem é um troféu que se ganha vencendo a concorrência. A felicidade é construída sobre valores e virtudes. Ela desenha, em nossa existência, um sentido pelo qual vale a pena viver. (discutir falsas amizades, vícios, vida noturna, telefone celular, etc, em relação a assertiva aqui proposta).

3ª CONTRIBUIÇÃO:

Enquanto os poderosos forçam o Estado à omissão em relação aos direitos fundamentais do ser humano, o povo, em movimentos sociais busca garantir a sobrevivência em atividades que tendem ao SACRIFÍCIO DA ÉTICA, MORAL E DO RESPEITO. (A si mesmo, ao próximo e a Deus).

Decisões em “efeito manada”



José Arnaldo de Castro*

Recentemente, em um dos telejornais de uma emissora de grande audiência, foi apresentada uma interessante reportagem sobre o “efeito manada”. O apresentador cita um estudo do economista comportamental Salomon Asch sobre esse efeito no ser humano.



O fato existe para algumas espécies de animais. Nós, como somos uma espécie de animal evoluída, também estamos sujeitos a esse efeito? E o que o autor quis provar pelo estudo do comportamento coletivo.

O estudo pode ser resumido à seguinte tese: a ciência explica que as modas, mesmo as mais passageiras, só existem porque as pessoas são - influenciadas pelo comportamento coletivo. Será que na sua tomada de decisão você fica livre das influências dos outros? Ou seja, você tem vontade própria quando está na multidão? Gostamos de pensar que somos independentes – e gostamos de mostrar nossa individualidade. Na realidade, somos muito mais influenciados do que gostaríamos de admitir. As pessoas percebem o pensamento coletivo.

Resumidamente, pode-se observar isso em um teste que o apresentador da reportagem fez com ele e mais três amigos. Pararam em uma

esquina qualquer em São Paulo e começaram a olhar e apontaram indiscriminadamente para cima como se houvesse algo em cima de um edifício alto. Imediatamente, várias pessoas começaram a olhar para cima e chegaram até a parar para ver se havia algo diferente mesmo.

Claro que o estudo de Salomon Asch é mais complexo do que isso. O economista, após realizar o seu teste seguidamente, chegou à conclusão de que 75% das pessoas são influenciadas pelo fato que ele chamou de “efeito manada”. Outro exemplo é um vídeo postado nas redes sociais intitulado “O Império das Marcas”. O conteúdo do vídeo baseia-se na seguinte tese: por que escolher a marca do refrigerante A, e não o B ou o C? Por que usar o tênis da marca A, e não o B, ou mesmo ter os dois?

Somos todos unidos pelo consumismo. A marca de um produto que ontem foi passada como top, hoje, já não é mais, quiçá amanhã.

Não querem saber de sua qualidade. Só se todos estão a consumir e por que não ela? A propaganda e o marketing são os braços visíveis do consumismo e que sustentam o estudo de Salomon Asch. Para sustentar e promover o consumismo, são alocados a elas orçamentos vultosos para a divulgação dos produtos. O consumismo está ligado também ao meio ambiente. Mais consumo, mais gastos em matérias-primas e mais descartes inconscientes.

Outro exemplo são os dos formadores de opinião na mídia e nas redes sociais. Existem pessoas que só acreditam ou não no que falam ou escrevem certos profissionais, bem como notícias emitidas por certas emissoras ou mídias impressas. Tudo isso está ligado à falta de percepção da realidade ou mesmo de crítica. O senso comum diz que a opinião emitida está errada. Mas passa a ser a verdadeira para elas.

Nas últimas décadas, com a globalização dos meios de comunicação, o fato tornou-se muito visível. Haja vista que, em uma casa de cultura, crianças foram levadas para ver um homem nu e tocá-lo, chamando aquilo de cultura. Muitos acham que é normal. Em especial, pode-se levar essa comparação para o campo político. É onde surgem os oportunistas que se dizem salvadores da pátria, com ideologias ultrapassadas e que são caminhos férteis para o populismo. Se quisermos iniciar o processo de depuração da classe política no Brasil, com mudanças estruturais, o povo tem que ter consciência e crítica na hora de votar em 2018, identificando e negando seu voto aos populistas e demagogos de plantão.

José Arnaldo da Castro é Engenheiro civil e de segurança do trabalho

Transcrito da Tribuna de Minas



***Cristo tem um corpo cósmico que se estende
por todo o universo.***

Teilhard de Chardin

ESQUECIMENTOS PERIGOSOS



A mulher não poderá se ESQUECER que durante muitos séculos foi tratada como um ser quase abstrato. Na Idade Média investiu-se na estranha mania de construir aquela sua imagem de fragilidade que transbordou no arco do tempo para o modelo “sexo frágil” No distante sec.XIII filósofos e teólogos renomados consideravam-na “imbecillitas naturae”. Constrangedor se traduzido do latim ...mas vá lá: a mulher é “de natureza imbecil”! Foi um tempo quando não se aceitava o seu testemunho e escolhiam pra ela um marido. Se resistisse era comum enfiá-la num convento!

A mulher não poderá se ESQUECER que tempo houve também quando a ciência a considerava um “macho falho” porque se desconhecia no seu corpo o processo quase total da geração de todos nós. Época quando nem se imaginava que um dia a ciência iria dizer que aquela

gordurinha dos seus quadris transforma o estrogênio em estradiol que é a forma ativa do hormônio responsável pela ovulação.

Comparando com o seu ontem vê-se hoje o seu trabalho nas fábricas além de gerar, cuidar da casa e amamentar - manifestando-se também, como não, enquanto executiva competente. Está no comércio e fábricas assim como nos escritórios, nos quartéis e repartições. Também nos consultórios e nas consultorias. Nos laboratórios e anfiteatros das Universidades. Delegadas assim como trabalhando em plataformas de petróleo. Estão aí Ministras e Embaixadoras, motoristas de taxi Promotoras, Senadoras e Juízas. Governadoras, tratoristas, Prefeitas, profissionais liberais, mestre de obras e Presidentes. Deverá ela se LEMBRAR que as suas conquistas embora mesmo devagar estão sendo firmes e crescentes. Um detalhe:

quantas brasileiras sabem hoje que no Brasil a mulher votou pela primeira vez somente em 1932? Pois é.

Nesta toada o próprio Papa João XXIII anunciou em sua Encíclica MATER ET MAGISTRA (1963) - três fenômenos que estavam acontecendo no mundo: a tomada de consciência dos jovens dos países subdesenvolvidos- e a tomada de consciência da mulher.

A mulher não poderá se ESQUECER que não é um simples apêndice do homem mas uma pessoa que constrói ao lado dele as suas UTOPIAS sem se deixar dominar pelas opressões vividas no passado. E deverá fazê-lo com bom humor, debochando daquele tempo caricato de "mulher-de-cama-e-mesa", rainha do lar, serva do marido e escrava da moda. Para continuar ocupando como PESSOA os seus ESPAÇOS DE DIREITO não poderá ela se ESQUECER jamais de analisar as CAUSAS-EFEITOS dos acontecimentos no aqui, no lá e no acolá.

Uma curiosidade: quando a mulher deixará de acrescentar ao seu nome - uma vez casada - o sobrenome do marido? Isso é coisa ultrapassada, bem lá do tempo do Império Romano quando os cristãos incorporaram aos seus costumes esse comportamento pagão. Outra coisa : não poderá deixar de lado por ESQUECIMENTO - enquanto cidadã, esposa e mãe - a indagação do porquê tantas vezes - simplesmente por ser mulher - continuará ganhando SALÁRIO DIFERENCIADO uma vez menor se comparado com o ganho masculino.

De fato, uma esquisitice avessa à aceleração do tempo hoje. Neste agora quando o seu empoderamento vem crescendo a MULHER jamais poderá se ESQUECER de falar e refletir sobre as contradição absurda que teve de viver naqueles ontens. Se não o fizer ficará parecendo que pretende continuar escondendo ... um bode no meio da sala!

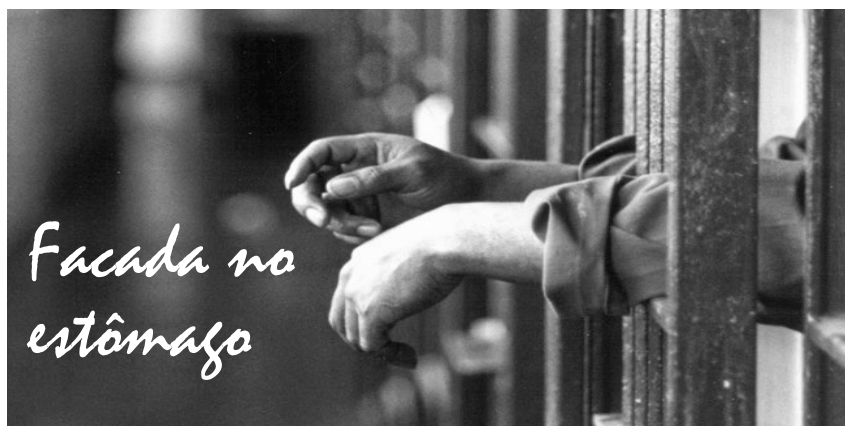
Itamar Bonfatti – MFC-JF



.....

***Aquele que amar
apaixonadamente Jesus
escondido nas forças que
fazem a Terra crescer, a
Terra, maternalmente, o
levantará em seus braços
gigantes, e o fará contemplar
a face de Deus.***

Teilhard de Chardin



Facada no estômago

Cecília Mello*

Este é o sentimento que tive ao saber que a Câmara aprovou, em “pacotão”, a revogação da atenuante da menoridade penal e da contagem, pela metade, da prescrição para aqueles que, ao tempo do crime, eram menores de 21 anos (projeto de lei 2862/04) – mas manteve essas prerrogativas para réus de 70 anos ou mais.

Pergunto: excluída a hipótese de insanidade mental, qual grupo de indivíduos tem maior compreensão e consciência da prática de um delito? A falta de técnica para o trato do assunto parece-me flagrante, apesar de não ser essa a discussão.

A redução da maioridade penal é debate diverso. Aqui, o que pretendem revogar é a determinação legal de redução da pena a ser aplicada ao jovem que tenha cometido um delito entre 18 e 21 anos e a contagem do prazo prescricional pela metade. Os argumentos: “modernizar” a lei brasileira, com o pretexto de que todo jovem entre 18 e

21 anos tem “plena” consciência do ato criminoso que pratica.

Os legisladores vivem infinito distanciamento da realidade social. Não da realidade violenta e cruel que assola o país – esta todos conhecem. Falo da realidade desses jovens que, na sua maioria, cometem, nessa idade, o primeiro delito, no mais das vezes sem violência.

Desconhecem, esses políticos, pilares básicos da crença no ser humano, da recuperação e da reinserção social. Desconhecem princípios que norteiam a aplicação e a execução da pena; que a solução dos conflitos e da violência depende do respeito, da punição efetiva e equilibrada e da valorização da dignidade humana.

Depende, essencialmente, de tentarmos recuperar, por via transversa, aquilo que foi prometido e não dado no tempo certo.

Quanto ao sistema carcerário, em dados aproximados, 50% das condenações são por delitos de tráfico de drogas e roubo; 75% dos pre-

sos têm, no máximo, ensino fundamental completo (53% incompleto; 6% analfabetos); 30% estão entre 18 e 24 anos, faixa etária que representa só 11% da população brasileira, o que aponta para um universo imenso de jovens encarcerados.

Desnecessário falarmos das deploáveis condições do sistema prisional, situação conhecida de todos, esquecida por conveniência política e social. Mas vale um pequeno destaque: a taxa de mortalidade nas prisões é três vezes maior do que fora delas, a incidência de HIV e tuberculose são, respectivamente, 60 e 38 vezes maiores do que na população em geral.

Durante anos de judicatura, talvez a minha mais intensa reflexão - e a maior preocupação - tenha sido sobre a primeira condenação de um jovem, a possibilidade da sua recuperação e a efetiva necessidade da prisão.

Estamos falando de tudo quanto, por descumprimento de direitos básicos, não lhe foi dado ou até mesmo

lhe foi tirado. Será que ainda iremos restringir, mais e mais, as suas possibilidades de recuperação? Quantas gerações iremos perder? Não falo de impunidade, falo de adequação, de equilíbrio, de punição com ressocialização; falo de dignidade, de eficiência do Estado no trato com o ser humano.

Será que realmente acreditam na competência do nosso sistema prisional? Verdadeiramente, acho que não pensam nisso.

O anseio por justiça e pela diminuição da violência leva a um raciocínio de encarceramento eterno, como que, se presos, de lá não mais saíssem. Ainda que não seja por ética, direito ou compaixão, vale a reflexão de uma frase atribuída aos presos pelo professor Alvin August de Sá: “Hoje estou contido, amanhã estarei contigo”.

Cecilia Mello, advogada, é ex-desembargadora do Tribunal Regional Federal da 3ª Região (SP e MS)

Transcrito da Folha de São Paulo



***Não somos seres humanos vivendo uma
experiência espiritual, somos seres espirituais
vivendo uma experiência humana.***

Teilhard de Chardin

Moral, moralismo e direito



Ricardo Lewandowski

Existe uma clara linha divisória, nem sempre percebida nitidamente, entre a moral e o moralismo. Aquela, grosso modo, revela um conjunto de valores e princípios que deve reger a conduta humana, variando no espaço e no tempo.

Todas as sociedades, em algum momento de sua história, adotaram determinadas normas de comportamento, não raro resultantes de práticas multisseculares, as quais reputaram essenciais para a convivência harmônica de seus integrantes.

Embora destituída de sanções materiais, a moral corresponde a um código de procedimentos que sujeita os transgressores à reprovação, velada ou explícita, dos membros da coletividade a que pertencem, acarretando, por vezes, a própria exclusão dos recalcitrantes de seu convívio.

Já o moralismo representa uma espécie de patologia da moral. En-

quanto nesta há um certo consenso das pessoas no tocante à distinção entre o certo e o errado, no moralismo alguns poucos buscam impor aos outros seus padrões morais singulares, circunscritos a certa época, religião, seita ou ideologia.

Os que discordam são atacados por meio de injúrias, calúnias ou difamações e até agressões corporais. No limite, são fisicamente eliminados. Paradoxalmente, quase sempre os moralistas deixam de praticar aquilo que exigem dos demais.

A ética, por sua vez, derivada da palavra grega traduzida por “bons costumes”, corresponde a uma disciplina comportamental que estuda as escolhas morais sob o prisma da razão, com vistas a orientar as ações humanas na direção do bem comum.

O direito para alguns juristas, a exemplo do clássico Georg Jellinek (1851-1911), equivaleria a um “mínimo ético”, isto é, a determinado

número de preceitos morais considerados indispensáveis à sobrevivência pacífica de dado grupo social e transformados em lei.

No campo do direito, os moralistas expandem ou restringem esse conceito conforme lhes convém, interpretando as regras jurídicas segundo sua visão particular de mundo. Sobrevalorizam a “letra” da lei, necessariamente voltada ao passado, em detrimento do “espírito” da lei, que abriga interesses perenes.

Aplicam as normas legais fria e burocraticamente, trivializando a violência simbólica que elas encerram. Não hesitam em incorrer, proposital ou inconscientemente, no risco da “banalização do mal” de que nos falava a filósofa Hannah Arendt (1906-1975).

A crônica da humanidade é pródiga em desvelar o trágico fim de moralistas que empolgaram o poder e exercitaram aquilo que consideravam direito a seu talante. Basta lem-

brar a funesta saga do monge Girolamo Savonarola (1452-1498), o qual, com pregações apocalípticas, extinguiu o virtuoso capítulo do Renascimento florentino. Acabou seus dias ardendo numa fogueira.

Ou a do deputado jacobino Maximilien de Robespierre (1758-1794) que, durante a libertária Revolução Francesa, mandou executar arbitrariamente centenas de opositores reais ou imaginários. Terminou guilhotinado, abrindo caminho para Napoleão Bonaparte (1769-1821).

Quer tenham sobrevivido por mais tempo ou deixado a vida precocemente, os moralistas jamais foram absolvidos pela posteridade.

Ricardo Iewandowski é professor titular de teoria do Estado da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo e ministro do Supremo Tribunal Federal

Transcrito da Folha de São Paulo

Propomos discussão em grupo dos conceitos de moral e moralismo devidamente contextualizados

O amor é a mais universal, a mais tremenda e a mais mística das forças cósmicas. O amor é a energia psíquica primordial e universal. O amor é uma sagrada reserva de energia; é como o sangue de evolução espiritual.

Teilhard de Chardin





NÃO É UMA QUESTÃO MORAL

Marcelo Coelho*

Como quase todo mundo, fiquei surpreso ao saber que a desigualdade de renda não diminuiu durante os anos Lula. O jornalista Clóvis Rossi era dos poucos a insistir num fato ignorado pelas pesquisas disponíveis na época.

Dizia-se, com base nos levantamentos do IBGE, que os 10% mais ricos estavam com rendimentos encolhendo, e que os 50% mais pobres tinham aumentado sua participação no bolo da riqueza nacional.

O problema é que aquelas pesquisas não mediam toda a riqueza dos mais ricos. Como esses levantamentos são feitos pelo velho sistema de bater de porta em porta, perguntando às pessoas quanto elas ganham, as informações eram incompletas.

Não é que os ricos escondam voluntariamente o total de seus rendimentos. Isso até pode acontecer,

por algum resquício de pudor social, por medo de sequestro ou prudência face ao fisco.

A causa principal tende a ser outra: pouca gente sabe direito quanto ganha por mês num fundo de investimentos, ou quanto deixa de perder simplesmente pelo fato de não pagar aluguel.

Agora surgem novos levantamentos, feitos segundo um método diferente. Baseando-se nos dados do Imposto de Renda (e olhe que há provavelmente muita sonegação disfarçada), o economista irlandês Marc Morgan revelou que, durante os anos Lula, a diferença entre ricos e pobres continuou praticamente a mesma.

Era difícil acreditar nisso. Saltava aos olhos o quanto os pobres melhoraram de vida naqueles tempos. O jumento foi substituído pela motocicleta nos cafundós do interior. Investia-se em melhorias nas casas de favela. O porteiro ou o zelador do prédio abandonaram viagens de ôni-

bus em visitas familiares ao Nordeste, podendo pagar passagem de avião.

Sim, porque a riqueza geral tinha aumentado. Os salários dos mais pobres subiram de fato. Só não se sabia que a classe alta não perdera nada enquanto isso. Ou seja, a desigualdade continuou escandalosa.

Ocorre um curioso fenômeno ideológico depois das revelações do economista irlandês. A direita liberal agora se alia aos defensores do lulismo para dizer que, ora, ora, a desigualdade não tem tanta importância assim.

É nessa linha que vai a entrevista de Ricardo Paes de Barros, na edição que a “Ilustríssima” dedicou ao tema.

“Se a proporção da renda apropriada pelos 50% mais pobres aumentou, não estou nem aí para o que aconteceu com a metade mais rica da população”, diz o economista. “Um real a mais para o pobre vale muito mais do que um real a mais para o rico. Isso é o que importa.”

Até certo ponto, não está errado o que ele diz. Vou até um pouco além. Quando o pobre passa a viajar de avião, mesmo que persistam enormes diferenças de renda, a “sensação de igualdade” é maior.

Os espaços ficam menos segregados; os hábitos de consumo (tênis Nike, perfume Boticário) se equalizam; podemos todos, em alguns aspectos, conversar de igual para igual.

Qual o problema, então, da desigualdade? Acho um problema gravíssimo. Não falo de um ponto de

vista moral, embora eu tenha boas doses de sentimento de culpa nesse campo.

O problema, a meu ver, é principalmente econômico. Uso a própria frase de Ricardo Paes de Barros: “um real a mais para o pobre vale muito mais do que um real a mais para o rico”.

Por isso mesmo, torna-se importante tirar-insisto, tirar-dinheiro dos ricos, por meio de impostos mais pesados. Afinal, se um real a mais não tem importância alguma a eles, podemos dizer que um real a menos tampouco lhes fará diferença.

A vida de um rico não se altera significativamente se, em vez de passar 15 dias na Europa num hotel cinco estrelas, ele tiver de passar 12 dias num hotel quatro estrelas. Em vez de comprar um cachorro de raça por R\$ 4.000, poderia adotar um vira-latas sem ficar especialmente infeliz por isso.

O número dos sapatos que tenho no armário poderia diminuir pela metade, fazendo com que uns cinco ou dez pobres aumentassem em 100% a quantidade de sapatos que possuem.

Ou seja, a mesma quantidade de bens pode produzir mais felicidade geral quando redistribuída. É menos uma questão de moral do que de racionalidade, a meu ver. Mas devo estar na minoria quanto a essa questão.

Marcelo Coelho é membro do Conselho Editorial da Folha. É autor de romances e de coletâneas de ensaios
Transcrito da Folha de São Paulo



Utopias antipolíticas cultuam polícia e iniciativa privada contra o público

Ângela Alonso*

Quem lê o noticiário topa com novas utopias em voga. Desde Thomas Morus, o traço comum das utopias é o diagnóstico dos males da sociedade existente e a proposta de outra nova, superior.

Alguns projetos utópicos recusam o presente em nome do regresso a uma comunidade original, harmônica. Outros produzem visões sombrias, seja de sociedades de controle – como nos clássicos “1984”, de George Orwell, e “Fahrenheit 451”, de Ray Bradbury –, seja de catastrofismos – tecnológicos, ambientais, islâmicos etc. – alardeados em versões hollywoodianas recentes.

Nunca somem, é claro, as utopias idealistas, que empurram igualdade e solidariedade para o futuro. Além das tradicionais, socialistas, encanta a nova geração a cepa autonomista, que tem difundido consigo o próprio vocábulo “coletivo” para designar grupos.

E há as utopias antipolíticas, cujo foco é a satisfação e a segurança pessoais. Nesses casos, abandona-se o princípio democrático da negocia-

ção entre divergentes como imperativo da vida comum – em favor do princípio da satisfação individual, via mercado.

Versão notável desse tipo de utopia é a da empresa SeasteadingInstitute, fundada em 2008 por um empreendedor de tecnologia e um engenheiro de softwares. O segundo é neto de Milton Friedman, assegurando o DNA liberal.

A organização abandonou os “sistemas políticos obsoletos” em favor de “cidades flutuantes que permitirão à próxima geração de pioneiros testar pacificamente novas ideias de como viver em comunidade.” Bem-sucedidas, disseminarão a “mudança”, abolindo os Estados.

Este novo utopismo tem geografia móvel: ilhas artificiais ancoradas em alto-mar. Assim, se insatisfeitas com a vizinhança, levantariam âncora em vez de guerrear.

O residente também se livraria do Estado, cabendo a gestão a especialistas. Escaparia do aborrecimento com políticos, tornando-se cliente de um serviço.

Essa utopia antipolítica concretiza o que pensam muitos: que políticos são parasitas ineficientes e dispensáveis, assim como tudo que os cerca – as Constituições, as instituições políticas, as candidaturas e os votos.

Tal negação extrema da política tem correspondentes no debate brasileiro. A opinião, as redes e as mídias entronizaram o mercado, com seu princípio de eficiência.

Ao mesmo tempo, subiu na consideração popular um Poder não eleito: o Judiciário, único guardião da coisa pública, mais capaz e confiável que os políticos. Produziu-se verdadeira glamorização de juízes e promotores, com livros, eventos, filmes, séries, homenagens e prêmios aos “heróis” da Lava Jato.

O prestígio se estendeu para a Polícia Federal. O empoderamento público da corporação começou jocoso, com o “japonês” que conduzia políticos acusados de corrupção e o culto a policiais-musos. E se assentou na equação “justiça igual a prisão” – apesar de nossa população carcerária ser a terceira no ranking mundial.

Em princípio, como diz o nome do filme – “Polícia Federal: A Lei é para Todos”, a regra independe de a quem se aplique. Mas como tudo se interpreta, uns são inocentados e outros aprisionados, conforme as conveniências.

Essa moralidade antipolítica incita uma lógica da exclusão e anima o milhão de pessoas que foi ao cinema prestigiar a PF e aqueles que aderem à candidatura presidencial de um militar.

É o que legitima as idas da polícia aos campi de universidades públicas, onde muitos discordam dos partidários da utopia antipolítica.

As operações da PF se baseiam na crença sincera de que o combate à corrupção lhe confere um mandato tácito da opinião pública para vigiar e punir. A UFMG foi o caso mais recente de uma série de seis operações em universidades federais. Feriu direitos individuais. Não houve intimação para depor que, desobedecida, justificaria a condução coercitiva.

Essa ação e suas congêneres se amparam na tese de que o serviço público é ineficaz e corrupto, ao contrário do mundo privado de SeasteadingInstitute, Odebrecht, Friboi e similares, onde só existiriam pessoas eficientes e de bem. Mas não é bem assim. Em toda parte há joio e trigo, no Estado e no mercado, na universidade e na PF.

A utopia antipolítica produz um antiestatismo às cegas, que evita a política como esfera de debate entre os divergentes. Ancorados em uma superioridade moral que julgam autoevidente, os novos utopistas excluem, discriminam, impõem. Seus fins justificam seus meios. O apelo à ética respalda a prática da violência.

Pode parecer distopia, mas, como a ilha do neto de Friedman denota, o pesadelo de uns é justamente a utopia de outros.

Ângela Alonso é professora do departamento de sociologia da USP e presidente do Cebap (Centro Brasileiro de Análise e Planejamento)

Transcrito da Folha de São Paulo



Recomeçar

Recomeçar é começar de novo. É jogar fora, destruir, remover tudo que não foi bom, que não valeu a pena, que foi feito errado, e com o que sobrou, reconstruir.

É fazer novas paredes, no lugar daquelas que os erros encheram de buracos e rachaduras. Até as mais pequenas imperfeições no reboco tem que ser removidas, para que as novas estruturas possam ser sólidas.

Para recomeçar, é preciso ter em mente que tudo que é bom deve ser refeito, revivido. Portas de liberdade, janelas de confiança, assentadas sobre tijolos de verdade e justiça. No teto, uma laje de carinho e perdão para que possamos ficar ao abrigo das tempestades que a vida fatalmente traz. No chão, um piso seguro e sóbrio, feito de companheirismo e compromisso, será a base para caminhar de mãos dadas.

Nada de querer aproveitar uma meia bancada, ou uma pintura esmaecida. Afinal, com a vida não se pode brincar. Lembrando apenas dos momentos em que os olhos falaram mais que as palavras, é preciso tomar o outro pela mão e trabalhar. E começar do zero, usando o único material que não se esgota. O amor.

Christina Ferreira

Manifestações dos leitores

Divinópolis, 17, janeiro, 2018.

Prezados companheiros.

Com alegria, vimos cumprimentá-los pelo evento da Edição número 100, de nossa querida Revista, não só aos atuais editores, redatores e colaboradores atuais, como também homenageando os seus iniciadores.

Tenho aqui, em minha biblioteca, o número 1 da edição, que o entusiasmo e a “coragem” da primeira equipe fez surgir e firmar um instrumento tão valioso para a união, informação e mesmo para a formação dos membros do MFC e seus leitores.

Presto minhas homenagens à Equipe, das primeiras horas da Revista-Selma e Hélio, José e Beatriz Reis, Félix Valenzuela, Maria Cristina Amorim, Valter Vicente, Manoel e Elmira, Otávio e Celice Aguiar, Antônio e Renita Allgayer e a todos outros colaboradores.

Relembro ainda, da “precursora” da atual Fato, a publicação da Revista Limiar, cujo primeiro exemplar, o número 1, foi lançado em outubro de 1963, sob a direção de frei Lucas Moreira Neves (ainda não sagrado Bispo) e de José e Beatriz Reis, todos de saudosa memória.

Assim, parabenizamos a todos vocês e fazemos votos para que continuem, por longo tempo, a nos beneficiar com o conteúdo de valioso instrumento de comunicação do Evangelho de nosso Irmão e Deus, o Cristo Jesus.

O abraço fraterno de

José e Inês de Oliveira

Telefonemas recebidos:

De Jorge La Rosa, de Porto Alegre (RS)

Parabenizando os Editores e formulando uma valiosa crítica construtiva.

Foi-lhe solicitado que continue a nos enviar suas colaborações, ressaltando que os textos de companheiros têm prioridade para inclusão na pauta.

De Normândia A. Lacerda de Alagoinhas (BA)

Felicitando-nos por alcançarmos a 100ª edição e pela qualidade editorial.

A manifestação dos leitores é o instrumento mais importante para avaliação do nosso trabalho.

ÍNDICE REMISSIVO - Revista FATO e RAZÃO da 1ª à 100ª edição

Fácil usá-lo!

Tomemos como exemplo o primeiro verbete ABORTO. Os primeiros números correspondem às edições onde o assunto foi abordado, direta ou indiretamente. Os demais números separados por hífen referem-se às páginas das edições citadas.

Na edição 15 p.ex. a questão foi abordada às páginas 54 e 55 enquanto na ed. 19 o assunto está da página 34 à página 42. Quando numa mesma edição o tema estiver em outras páginas - ver o exemplo da ed. 27 - poderão ser consultadas as páginas 4 a 6, assim como nas de número 68 a 72.

Há casos onde o número está em separado. Ver como exemplo o 47 da ed. 42 no verbete AMOR. Vale dizer que a página 47 deverá ser também consultada na mesma edição. As pessoas que consultam este índice não deverão ater-se apenas ao verbete onde procuram subsídios e sim cruzar o assunto com outros correlatados.

Que tal cruzar - apenas tomando um exemplo - o verbete ÉTICA com HUMANIZAÇÃO? Já que o leitor deseja se aprofundar, olhe também o verbete IDEOLOGIA ou mesmo tema NEOLIBERALISMO. Tentar sempre os cruzamentos de assuntos, porque embora rotulados diferentes eles podem se completar enriquecendo cada vez mais a pesquisa. Tente para aprender!

ABORTO - 15, 54-55; 19, 34-42; 24, 41-44; 27, 4-6; 68-72; 29, 36-37; 50-51; 33, 31-33; 39, 77; 41, 58-60; 42, 29-31; 44, 13-15; 45, 30-31; 53, 57; 76, 56-58; 83, 13-14; 64-66;

ADOÇÃO - 52, 66-67; 94, 4-6;

ADOLESCENTE - 52, 53; 67, 31-34; 87, 29-30;

AFETO - 59, 15-17; 72, 14-16; 22; 42-44; 73, 34-35; 83, 44-45; 84, 48-49; 89, 36-37; 96, 64-65; 97, 31-32;

ALEGRIA - 11, 47-49; 23, 7-9; 52, 52-53; 53, 28-30; 44-46; 56, 5-6; 65, 4-5; 85, 12-14; 90, 17-18; 99, 11-13;

AMÉRICA LATINA - 88, 17-18;

AMOR - 3, 18-24; 5, 4-7; 7, 33-38; 11, 50-51; 15, 16-17; 17, 14-15; 34, 17-19; 38, 8-9; 32-33; 39, 15-18; 32-33; 70-71; 40, 6-7; 41, 22-26; 44-46; 42, 16-19; 47; 43, 12-14; 45, 21; 50-51; 62-63; 46, 40-42; 52-53; 48, 15-16; 49, 59-60; 50, 22-23; 51, 68-69; 52, 52-53; 66-67; 53, 28-30; 47-48; 59-60; 63-64; 54, 9-11; 56, 10-11; 26-29; 58, 60-61; 62-63; 68-69; 59, 15-17; 60, 7-8; 26-27; 62, 25-26; 30-32; 8; 64, 5-7; 72-73; 68, 8-9; 20-22; 70, 36-37; 72, 20-21; 22; 75, 32-34; 57-58; 75, 32-34; 57-58; 76, 47-48; 77, 7-9; 78, 20-21; 82, 10-11; 85, 60-61; 86, 8-9; 12-13; 89, 36-37; 90, 17-18; 52-54; 94, 7-8; 16-18; 25-26; 95, 32-33; 96, 15; 31-32; 51-52; 97, 32-34; 100, 22-23; 36-37;

AUSTERIDADE - 8, 29-31; 9, 22-23; 10, 36; 26, 36-41; 40, 8-12; 53, 52-56; 54, 25-26; 57, 63-67; 60, 62-64; 61, 11-13; 66, 11-12; 71, 3-5; 75, 44-45; 76, 7-8;

BEM COMUM - 2, 44-47; 3, 6; 7, 8-11; 16, 26-34; 17, 18-20; 53, 67-68; 56, 5-6; 57, 2-3; 60, 62-64; 61, 52-57; 62, 3-5; 63, 2-4; 66, 31-32; 72, 3-5; 34-35; 74, 8-9; 80, 46-48; 83, 5-7; 88, 17-18; 99, 45-46;

BÍBLIA - 16, 40-42; 21, 56-57; 22, 14-18; 23, 60-64; 25, 75-77; 31, 80; 33, 52-53; 58-61; 35, 72-74; 37, 46-55; 40, 78-79; 41, 20-21; 32-35; 42, 22-25; 37-41; 43, 53-57; 44, 18-20; 78-80; 45, 36-37; 54-57; 65-66; 67-68; 70-72; 46, 36-39; 40-42; 60-61; 74-75; 47, 48-49; 68-69; 48, 66-68; 49, 31-34; 82-96; 50, 47-48; 51, 68-69; 53, 36-37; 54, 27-28; 38; 48; 68; 55, 50-51; 62-64; 56, 13; 26-29; 46-48; 60, 47-48; 79, 42-43; 61, 25-27; 76-77; 62, 22-24; 68, 10-11; 33-34; 37-38; 69, 18-25; 46-47; 70, 5-6; 9-10; 26-28; 72, 23-25; 78, 60-62; 74, 30-32; 58-59; 58-59; 81, 13-15; 82, 51-54; 84, 7-10; 21-22; 85, 36-37; 86, 39-40; 56; 95, 38-44; 96, 16; 31-32;

BIOÉTICA - 67, 19-25; 76, 56-58;

CÂNTICOS - 13, 48-49; 50-52; 53-54;

CELEBRAÇÕES - 11, 3-7; 16-23; 18-25; 24-28; 29-34; 12, 2-7; 13, 4-8; 10-14; 22-26; 28-33; 35-40; 16, 68-71; 18, 57-64; 20, 75-77; 31, 46-47; 32, 62-65; 33, 66-67; 35, 52-57; 47, 70-73; 80, 11-14;

CELIBATO - 35, 78-80; 46, 54-55; 50, 14-17; 51, 70-71; 52, 42-43; 53, 18-19; 59, 30-32; 60, 14-17; 61, 16; 65, 75-77; 73, 38-39;

CIDADANIA - 26, 22-26; 46, 48-49; 49, 2-4; 52, 12-14; 53, 2-4; 67-68; 55, 21; 27; 38-41; 46-48; 60, 11-13; 54-56; 61, 52-54; 64, 2-4; 36-39; 66, 34-35; 76, 7-8; 77, 5-6; 80, 43-45; 84, 84, 5-6; 100, 52-53;

CIÊNCIA - 34, 68-72; 45, 38-40; 65, 18-19; 96, 10-14;

CLASSE MÉDIA - 20, 16-19; 26, 27-31; 32; 27, 73-79; 54, 42-43; 58, 4-6; 71, 3-5; 73, 58-59; 82, 5-7;

COLEGIALIDADE - 16, 40-42; 57, 28-29; 60, 62-64; 80, 37-38; 86, 36-38;

COMPUTADOR - 54, 77-78; 61, 14-16; 90, 43-45;

COMUNICAÇÃO - 21, 34-39; 40-45; 48-49; 39, 78-79; 41, 48-49; 55, 78-80; 60, 57-58; 61, 21-24; 62, 55-56; 65, 18-19; 66, 7-10; 84, 3-35; 59-66; 87, 20-21; 90, 35-36; 43-45;

CONFLITO - 67, 7-9;

CONSCIÊNCIA CRÍTICA - 14, 10-17; 31, 28-30; 76-78; 32, 39-45; 6-8; 36, 70-75; 37, 2-5; 6-8; 38-41; 42, 44-46; 76-77; 46, 2-4; 10-11; 16-17; 34-35; 40-42; 78-79; 49, 2-4; 10-11; 13-17; 18-20; 24-27; 31-34; 50, 38-39; 60-61; 49; 62-64; 52, 8-10; 12-14; 15-16; 22-24; 25-27; 28-31; 52, 32-33; 58-60; 63-64; 59, 12-14; 20; 53, 2-4; 20-23; 36-37; 38-40; 41-43; 47-48; 63-64; 67-68; 69, 54, 12-13; 32-34; 55, 24-27; 38-41; 46-48; 58, 7-9; 32-34; 35-36; 37-39; 74-74; 76-77; 56, 2-4; 5-6; 17; 18-20; 30-34; 43; 57, 10-12; 41-44; 60, 32-33; 67-73; 78-80; 61, 1-6; 52-54; 55-56; 65-66; 62, 24; 27-28; 33-34; 37-38; 39-40; 44-45; 46-48; 49, 57-59; 60-61; 72-73; 63, 2-4; 18-20; 27-30; 57-60; 61-63; 66-68; 75-76; 64, 2-4; 36-39; 40-42; 47; 54-57; 49-50; 51-53; 63-64; 67; 65, 2-8; 6-7; 20-22; 33-34; 37-39; 47-48; 78-79; 66, 4-5; 7-10; 45-47; 51-53; 54-58; 62-64; 67, 2-3; 13-15; 26-27; 45-46; 47; 48-49; 68, 26-27; 28-29; 35-36; 39-40; 45-46; 69, 5-6; 48-50; 70, 32-34; 38-39; 46-48; 49-50, 53-57; 71, 7-8; 9-10; 32-35; 72, 17-19; 38-40; 45-47; 73, 5-7; 31-23; 31-33; 34-35; 36-37; 58-59; 74, 8-9; 50-51; 75, 5-6; 7-8; 9-10; 11-12; 76, 16-17; 18, 19-21; 45-46; 86, 4-5; 64-66; 77, 5-6; 13, 16; 52-53; 64-65; 78, 5-6; 11-13; 22-24; 36-38; 82, 5-7; 12-14; 12-14; 83, 5-7; 84, 5-6; 23-25; 28-29; 30-32; 33-35; 36-37; 43-45; 45-47; 50-51; 88, 10-11; 12-13; 27-28; 89, 4-6; 14; 2-21; 58-59; 90, 4-6; 7-8; 9-12; 22-27; 28-29; 40-42; 91, 2-3; 92, 4-5; 6-7; 17-19; 93, 4-5; 23-24; 31-34; 42-43; 94, 7-8; 9-10; 19-20; 39; 85, 42-43; 96, 13-14; 99, 4-10; 100, 10-11; 14-15; 61-62;

CONTRACONCEPTIVOS - 95, 42-43;

CONVERSÃO - 7, 22-25; 9, 54-56; 21, 56-57, 31, 59-61; 36, 66-67; 70-75; 37, 38-41; 47, 54-56; 49, 31-34; 40-41; 52, 12-14; 53, 36-37; 60, 67-73; 75, 15-16; 78, 14-15; 79, 5-7; 14-15; 59-62; 87, 38-39; 88, 25-26; 90, 6-7; 99, 16-17;

CONSUMISMO - 58, 56-58; 63, 61-63; 67, 47; 69, 10-11; 30-32; 71, 3-5; 74, 56-57; 80, 49-50; 58-60; 83, 59-60; 92, 6-7; 96, 50-54;

CORRUPÇÃO - 33, 45-47; 39, 2-4; 42, 2-5; 52, 58-60; 54, 2-5; 55, 2-4; 11-12; 24-27; 56, 54-55; 59, 2-3; 40-41; 63, 3-7; 65, 26-27; 68, 2-3; 70, 5-6; 79, 20-23; 90, 9-12; 55; 93, 35-36; 99, 43-44;

CRANÇA - 5, 2; 6, 6; 33, 16-17; 54-57; 36, 26-29; 37, 14-16; 62-63; 38, 78-80; 39, 58-60; 44, 21-23; 56-58; 45, 4-7; 46-48; 49, 66; 52, 52-53; 58-60; 66-67; 70-71; 53, 5-6; 24-27; 56, 54-55; 59, 44-46; 61, 52-54; 65, 49-51; 52-54; 67, 28-30; 31-34; 55-56; 69, 3-4; 70, 5-6; 71, 25-27; 77, 19-20; 79, 24-26; 80, 17-19; 84, 52-58; 85, 40-41; 86, 6-7; 88, 27-28; 96, 33-34;

CRIME - 52, 58-60; 53, 2-4; 20-23; 54, 2-5; 12-13; 55, 11-12; 24-27; 56, 2-4; 30-34; 54-55; 61, 63-64; 64, 2-4; 70, 5-6; 92, 10-12;

CRISE - 1, 6-7; 26-27; 30; 2, 50-53; 32-35; 11, 40-42; 17, 6-8; 23, 10-13; 31, 31-39; 49, 23-24; 55, 74-75; 58, 26-28; 74, 52-55; 91, 30-32; 92, 4-5; 99, 16-17; 100, 32-33;

CRÔNICAS - 19, 8; 59-61; 22, 30-31; 40-41; 56-57; 23, 2-3; 7-9; 25, 52-53; 27, 20-21; 39-41; 52-53; 28, 15-17, 14-15; 29, 14-16; 34-35, 44-47; 54-55; 30, 4-5; 70-71; 31, 4-5; 44-45; 75; 79; 80; 32, 9-11; 33, 28-29; 32-33; 34-35; 76-77; 78-80; 34, 5-7; 35, 32-34; 36, 30-31; 37, 9; 17-19; 38, 2-3; 21-23; 29-31; 38-40; 66-73; 39, 8-11; 12-14; 22-23; 66-69; 40, 29-30; 31; 41, 39-40; 47; 48-49; 50-51; 46, 10-11; 12-14; 15; 39; 43; 50-51; 47, 18; 77; 48, 17-19; 24-25; 80; 50, 22-23; 51, 24-26; 33; 64; 80, 52, 63-64; 53, 5-6; 7; 24-27; 28-30; 65; 66; 75-76; 77-79; 54, 14-17; 22-23; 35-36; 55, 22-23; 32; 44-45; 46-48; 56-60; 78-80; 56, 13-16; 44-45; 49-50; 52-53; 56-58; 68; 57, 34-37; 45-48; 49-50; 51; 52-53; 88-89; 58, 13-16; 53-55; 59; 6-61; 80; 59, 10-11; 42-43; 47-49; 54-56; 54-57; 62-63; 60, 43-44; 45-46; 49-50; 62, 7-8; 21, 24; 27; 50-54; 60-61; 65-66; 67-69; 79-80; 63, 31-32; 49-50; 64, 31-34; 47; 58-60; 60; 61-62; 63-64; 65-66; 74-75; 70, 23-25; 29-30; 71, 7-8; 14; 17-24; 36-38; 40-41; 52-55; 56-57; 73, 34-35; 41-42; 46-47; 48-49; 51-53; 51-53; 74, 12; 28-29; 36-38; 75, 11-12; 24-25; 44-45; 47-49; 50-53; 57-58; 59-60; 76, 13-15, 38-39; 40-41; 47-48; 78, 16-17; 33; 34-35; 85, 48-49; 59-60; 91, 59-60; 95, 36-37; 95, 22-23; 96, 35; 36; 62-63; 66; 97, 25-26;

CULTURA - 6, 50-53; 27, 52-53; 30, 45-47; 36, 23-25; 26-29; 78-80; 45, 62-63; 49, 8-9; 50, 60-61; 68-69; 52, 72-73; 58, 56-59; 75, 29-31; 78, 9; 82, 44-45; 92, 10-12; 95, 30-34; 96, 26-27;

DEMOCRACIA - 5, 46-47; 36, 26-29; 55, 2-4; 58, 4-6; 35-36; 60, 54-56; 67-73; 61, 21-24; 52-54; 64, 18-20; 65, 37-39; 66, 34-35; 70, 17-18; 71, 9-10; 76, 42-44; 50-51; 80, 20-23; 80, 35-36; 83, 11-12; 17-18; 84, 5-6; 87, 24-26; 88, 23-24; 89, 18-19; 90, 5-51; 91, 52-54; 92, 2-3; 94, 7-8; 97, 36-44; 99, 45-46; 100, 54-55;

DEMOGRAFIA - 1, 21; 26-27; 30; 33-37; 34; 36-37; 5, 38-39; 52-53; 10, 32-33; 16, 16-20; 21-25; 19, 25-27; 31-33; 58; 23, 65-68; 49, 10-11; 80, 37-38; 84, 17-18; 88, 15-16; 92, 12-13; 94; 4-6;

NATALIDADE - 19, 25-27; 24, 52-57;

DEPRESSÃO - 97, 30-31;

DESAFIO - 95, 26-27;

DESCANÇO - 87, 33-34;

DESEMPREGO - 29, 19-21; 31, 16-18; 32, 46-51; 33, 74-75; 41, 41-43; 42, 57-62; 43, 37-38; 58, 4-6 60, 59-61; 100, 9;

DESENVOLVIMENTO - 3, 11; 5, 42; 46-47; 6, 35-40; 7, 30-32; 53, 38-40; 63-64; 56, 5-6; 63, 2-4; 66, 41-44; 80, 37-38; 89, 27-29;

DIÁLOGO - 1, 40-43; 2, 20-21; 3, 32-33; 5, 36-38; 10, 15-19; 35; 37, 78-79; 42, 44-46; 52, 32-33; 56, 52-53; 58, 26-28; 59, 73-74; 60, 62-64; 63, 71-72; 64, 15-17; 65, 4-5; 67, 7-9; 74, 13-15; 89, 12-13; 30-33;

DIFERENÇAS - 82, 46-47; 90, 19-21; 96, 51-52;

DINÂMICA DE GRUPO - 47, 65-67; 48, 74-75; 49, 75-77; 51, 76-79; 54, 71-76; 55, 68-70; 62, 35-36;

DIREITOS HUMANOS - 5, 46-47; 12, 30-47; 21, 50-55; 22, 55; 75-76; 23, 11-12; 26-27; 27, 2-3; 29, 19-21; 31, 16-18; 32, 46-45; 33, 74-75; 35, 7-9; 67-69; 36, 26-29; 32-35; 60-63; 37, 20-23; 30-32; 41, 41-43; 42, 37-62; 43, 2-4; 37-38; 45, 77-78; 56-58; 62-63; 70-71; 74-77; 48, 72-73; 49, 2-4; 52, 22-24; 53, 2-4; 20-23; 41-43; 54, 2-5; 55, 2-4; 9-10; 21; 27; 56, 2-4; 18-20; 56; 2-4; 18-20; 57, 27; 58, 4-6; 10-12; 35-36; 44-46; 68-69; 60, 9-10; 11-13; 54-56; 61, 6; 14-16; 52-54; 55-56; 62, 33-34; 64, 3-4; 65, 28-30; 68, 43-44; 69, 3-4; 70, 32-34; 72, 38-40; 74, 50-51; 75, 5-6; 76, 42-44; 50-51; 80, 37-38; 84, 52-58; 86, 51-52; 89, 18-19; 30-33, 90, 4-6; 92, 17-19; 93, 33-34; 97, 30-32; 99, 4-10;

DISCIPLINA - 82, 31-32; 85, 42-43;

DIVÓRCIO - 1, 18-19; 5, 19-22; 15, 6-24; 20-21; 28-31; 24, 72-93; 30, 60-66; 63, 8-10; 86, 27-29; 58-55; 19, 20-22; 21, 8-9; 10-11; 22, 11-13; 62; 25, 10-18; 29, 68-69; 72-73; 31, 26-27; 56-58; 33, 2-6; 35, 28-3; 64, 76-80; 65, 23-25; 68, 23-25; 70, 15-16; 83, 32-37; 92, 17-19; 99, 39-40;

DOENTES - 28, 18-20; 31, 14-15; 46, 26-28; 53, 24-27; 75, 13-14; 86, 14-16; 96, 28-29;

DROGAS - 29, 78-80; 35, 14-16; 36, 76-77; 38, 56-70; 40, 60-62; 76-77; 41, 58; 43, 5-8; 58-60; 65-68; 44, 74-77; 45, 14-17; 46, 44-47; 47, 46-47; 71; 48, 17-19; 24-25; 80; 49, 29-30; 52, 46-48; 58-60; 53, 8-10; 20-23; 54, 42-43; 55, 14-15; 16-17; 57, 34-37; 66, 22-23; 70, 7-8; 76, 5-6; 77, 21-22; 81, 16-18; 42-44;

DUALISMO - 3, 37; 5, 6; 16, 8; 21, 56-57; 76-80; 22, 75-76; 23, 11-12; 27, 2-3; 45, 67-68; 46, 12-14; 15; 48, 34-38; 51, 24-26; 54, 9-11; 55, 5-8;

ECOLOGIA - 11, 63-71; 17, 42-43; 19, 44-58; 72-73; 80; 21, 5-7; 23, 69-70; 25, 54-61; 27, 22-26; 28, 40-49; 29, 9-13; 56; 30, 50-52; 40, 13-17; 44, 2-3; 48, 63-65; 70-71; 50, 30-32; 53, 70-73; 60, 26; 32-33; 61, 61-62; 63, 31-32; 64, 8-10; 68, 62-63; 72, 17-19; 29-33; 73, 12-13; 74, 16-20; 97, 50-52; 99, 25-26; 76, 52-55; 78, 48-49; 79, 18-19; 83, 30-31; 85, 15-16; 89; 27-29; 92, 15-16; 62-63; 93, 6-8; 49-50;

ECONOMIA - 7, 10-11; 12-17; 28, 11-14; 21-24; 31, 64-67; 32, 6-8; 35, 2-3; 37, 38-41; 38, 4-7; 39, 36-40; 61-63; 40, 2-5; 67-69; 41, 61; 42, 22-25; 67-69; 74-75; 76-77; 46, 18-21; 49, 42-44; 67-68; 50, 54-56; 52, 8-10; 22-24; 53, 2-4; 69; 55, 38-41; 57, 2-3; 59, 20; 24-26; 27-29; 64-66; 60, 2-4; 5-6; 67-73; 61, 43-45; 62, 46-48; 49; 63, 2-4; 18-20; 65, 2-8; 28-32; 69, 51-52; 70, 46-48; 72, 45-47; 73, 36-37; 80, 15-16; 83, 19-21; 87, 55-58; 90, 9-12; 91, 2-3; 28-29; 93, 4-5; 95, 36-37; 96, 47-48; 59-61;

ECUMENISMO - 29, 50-53; 32, 70-71; 33, 11; 35, 58-59; 36, 53; 38, 34-36; 39, 36-40; 45; 72-73; 42, 36; 64-65; 43, 44-47; 44, 67; 45, 34-35; 54; 57; 70-72; 75-76; 48, 58-59; 49, 76; 50, 24-26; 70-74; 51, 62-63; 52, 49-50; 53, 16-17; 54, 6-8; 55, 13; 60, 59-61; 64, 11-14; 65, 35-36; 75, 29-31; 93, 21-22,

EDUCAÇÃO - 63, 77; 64, 36-38; 67, 28-30; 72, 20-21; 73, 18-29; 43-45; 75, 50-51; 77, 17-18; 79, 14-15; 51-53; 80, 17-19; 81, 26-27; 86, 6-7; 12-13; 89, 49-55; 95, 30-31; 96, 6-7; 8-9; 55-56; 99, 4-10; 18-20; 100, 18-19;

EMOÇÕES - 96, 44-46;

EMPATIA - 93, 17-18;

EMPREGO - 29, 19-21; 31, 16-18; 32, 46-51; 33, 74-75; 41, 41-43; 42, 57-62; 58, 4-6; 68-69; 60, 59-61;

ENCARNAÇÃO - 3, 3; 33, 52-53;

ESCOLA - 33, 12-14; 36, 64-65; 38, 10-13; 55, 13; 58, 4-6; 59, 50-52; 76, 7-8; 86, 12-13; 95, 24-25; 30-31;

ESPERANÇA - 56, 76-77; 68, 30-32; 75, 36-37; 38-43; 80, 41-42; 43-45; 85, 20-22; 24-26; 92, 20-21; 93, 27-28; 94, 7-8; 95, 30-31;

ESPÍRITO SANTO - 17, 34-41; 46, 76-77; 53, 16-17;

ESPIRITUALIDADE - 11, 63-70; 17, 42-43; 25, 54-61; 28, 40-49; 74-77; 34, 32-39; 46, 76-77; 47, 10-11; 19-21; 46-47; 49, 24-25; 50-51; 52-54; 64-65; 50, 18-20; 53, 28-29; 36-37; 47-48; 52-56; 54, 9-11; 35-36; 53-56; 55, 56-10; 56, 76-77; 57, 20-23; 58, 26-28; 68-69; 60, 7-8; 9-10; 41-42; 67-73; 74, 75; 63, 15-17; 53-55; 67, 4-6; 35-39; 71, 17-18; 72, 23-25; 36-37; 73, 56-57; 74, 38-39; 40-44; 75, 18-20; 38-43; 77, 11-12;

45-48; 78,39-40; 41-43; 44-45; 79, 63-66; 80,41-42; 43-45; 54-56; 81, 8-10; 40-41; 85, 27-28; 88,19; 31-32; 33-39; 45-46; 53-55; 89, 30-33; 91, 57-58; 92,15-16; 93,14-17; 18-20; 27-28; 31-32; 94, 27-30; 46-47; 95, 32-33; 100, 8-19; 56-57;

ESPIRITUALISMO – 31, 48-53; 38, 24-28; 49, 71-72; 55, 34-36; 93,31-32;100,53-54;

ESTADO - 3, 4-5; 7, 8-9; 10-11; 43-44;80,15-16; 82.23-25; 95,15; 36-37; 96,47-48;

ÉTICA - 20, 8-14; 21, 30-33; 22, 32-34; 35-39; 59-61; 23, 4-6; 25; 26-30; 32-36; 31-39; 43; 25, 2-3; 10-18; 19-22; 45-49; 50-51; 54-61; 62-63; 64-71; 77-80; 26, 5-7; 8-9; 10-13; 14-18; 27, 40-51; 29, 9-13; 34, 20-23; 54-56; 58-63; 76-79; 45, 58-61; 47, 5; 12-14; 42-43; 57; 48, 8-11; 46-47; 80; 49, 2-4; 8-9; 10-11; 13-17; 55-57; 50, 11-13; 51, 24-26; 52,8-10; 12-14; 22-24; 58-60; 63-64; 53,2-4; 2-23; 63-64; 54, 25-26; 69-70; 55, 9-10; 13; 38-41; 44-45; 56,5-6; 18-20; 54-55; 56-58; 73-74; 57, 7-9; 20-23; 60-62; 58, 4-6; 35-36; 37-39; 45-46; 76-77; 78-79; 59, 6-8; 18-21; 27-29; 60, 78-80; 61, 17-20; 50-51; 62, 3-5; 15-16; 17-18; 39-40; 49; 62-64; 63, 18-20; 52; 56; 65, 9-10; 15-17; 18-19; 66, 26-30; 71, 28-29; 72, 22; 76, 7-8; 77, 5-6; 78, 5-6; 79, 18-20; 8 2, 5-7; 83, 46-48; 84, 11-12; 13-15; 86, 30-31; 59-52; 58, 8-10; 16-18; 19; 91, 1-7; 93, 25-26; 96,17-20; 22-23; 97, 15-16; 17-18; 21-22; 23-24; 27; 99, 43-44; 100, 34-35; 38-39;

EVANGELIZAÇÃO - 83,54-57;

ENVELHECIMENTO - 85,29-30;54-55;

EXCLUÍDOS - 9, 16-21; 26-27; 19, 31-33; 22, 23-24; 23, 14-18; 50-53; 26, 20-21; 27, 7-10; 28, 50-51; 62-70; 71-75; 29, 2-5; 16-18; 32, 78-79; 39, 74-76; 41, 66-67; 47, 36-39; 52, 8-10; 5; 58, 4-6; 60, 59-61; 61, 1-6; 65,2-8; 66, 41-45; 70, 32-34; 89, 38-39; 90, 4-6; 28-29; 49;

FAMÍLIA CRISTÃ - 1, 14-15; 2, 12-13; 3, 48-49; 8, 8-9; 12-13; 15-16; 17-20; 22-23; 38-40; 45-47; 9, 11; 10, 38-39; 11, 37-42; 39-40; 12, 26-28; 15, 60-61; 17, 9-20; 19, 19-24; 59-61; 20, 56-63; 22, 19-22; 23, 40-42; 24, 6-11; 12-13; 14-16; 17-23; 24-30; 97-120; 26, 62-68; 72-75; 30, 56-59; 43, 30-36; 51,24-26; 52,52-53; 53,12-15; 56, 10-11; 22-24; 67,35-39; 68,59-61; 87,4-6;14-15; 95,44-45

DESAFIOS - 48, 30-32; 49, 10-11; 52, 5-6; 32-33; 58-60; 63-64; 53,24-27; 49-51; 61-62;70-72; 54,29-30; 64-65; 55,2-4; 5-8; 74-75; 57,38-40; 57,71-73; 58,26-28; 59,5-52; 60,62-64; 63,8-10; 67,35-39; 69,30-32; 76,7-8; 77,29-33; 88,4-6; 92,60-61; 95,44-45;

FILOSOFIA - 92,4-5;

FUNÇÃO - 2, 2-5; 3, 48-49; 6, 40-; 8, 7-23; 11, 63-71; 14, 52-55; 17, 6-20; 18, 24-27; 52,54-55; 58, 26-28; 59, 73-74; 59, 37-39; 77, 29-33; 89, 22-24; 37;

HABITAÇÃO - 90,4-6;

INCOMPLETA - 13, 56-57; 15, 28-31; 50-53; 56-59; 24, 63-71; 37, 33-37; 39, 51-55; 58, 26-28;

INDISSOLUBILIDADE - 1, 18-19; 28; 36; 9, 11; 10, 38-39; 53, 49-51; 58, 26-28;

LAZER - 1, 21-24;

MATRIMÔNIO - 22, 42-49; 73-74; 28, 76-78; 47, 19-21; 51, 24-26; 52, 32-33; 53, 12-15; 63, 8-10; 67, 35-39; 69, 41-43; 72, 36-37;

MIGRAÇÃO - 22, 42-49; 73-74; 76-78;

OPERÁRIA - 1, 8-11; 6, 7; 7, 15-17; 9, 72;

REALIDADE FAMILIAR - 7, 15-17; 12, 41; 18, 12-16; 19, 8; 20-22; 38-47; 52, 32-33; 53, 24-27; 49-51; 49, 10-11; 15-17; 49-51; 55, 2-4; 5-8; 74-75; 57, 54-56; 58, 26-50; 48-50; 61, 7-10; 63, 33-34; 64,15-17; 65, 8; 67, 35-39; 72, 42-44; 85, 33-35;

SACRAMENTO - 1, 28; 2, 53; 3, 4-5; 9, 1; 10, 11; 14, 18-21; 16, 12; 20, 51-55; 24, 34-40; 49, 15-17; 48-49; 64-65; 51, 24-26; 60, 37-40; 63, 21-25; 67, 35-39; 69, 33-34; 87, 4-6; 14-15;

SEXUALIDADE - 17, 48-51; 18, 63-64; 34, 12-16; 20-23; 35, 10-12; 36, 38-42; 38, 8-9; 39, 15-18; 32-33; 58-60; 42, 16-19; 44, 13-14; 47, 67; 48, 53-55; 51, 24-25; 52, 17-18; 54, 9-11; 55, 5-8; 64,5-7; 72, 36-37; 73, 5-7; 87, 11-12; 89, 37;

TIPOS DE FAMÍLIA - 1, 4-7; 12; 2, 21; 50-53; 37, 33-37; 52, 54-55; 57, 20-23;

FÉ - 2, 18-20; 22-27; 24; 5, 42-45; 6, 19-21; 24; 7, 22-25; 8, 59-60; 10, 35-36; 11, 35-36; 42-45; 14, 10-17; 18-21; 16, 8; 9; 38-39; 17, 16-17; 42-43; 44-47; 18, 12-16; 19, 43; 33, 62-65; 34, 32-29; 74-75; 38, 62-65; 66-73; 40, 46-49; 43, 25-28; 30-36; 40-41; 44-47; 45, 58-61; 67; 46, 48-49; 52-53; 58-59; 48, 50-52; 80; 49, 3-6; 54-65; 50, 28-29; 53,16-17; 54,18-21; 55,18-21; 63, 57-60; 71-72; 64, 11-14; 67, 4-6; 73, 18-20; 77, 11-12; 45-48; 78, 25-28; 81, 13-15; 11-15; 19-21; 29-32; 85, 31-34; 99,11-13; 100, 6-8;

FECUNDIDADE - 1, 21; 26-27; 30; 34-37; 5, 38-39; 52-53; 10, 32-33; 16, 16-20; 21-26; 19, 25-27; 31-33; 58; 23, 65-68; 51,24-26; 56, 1-11; 22-24; 58, 26-28; 48-80; 64-65; 76, 56-58; 81, 24-25; 35-36; 94, 4-6;

NATALIDADE - 19, 25-27; 34, 52-57;

FOME - 23, 26-27; 31, 16-18; 38, 78-80; 55, 38-41; 57, 2-3; 10-12; 58,1-2; 62,49; 65, 28-32; 73, 34-38; 86, 4-5; 22-24;

FUNDAMENTALISMO - 48, 26-27; 50, 57-59; 51, 19-20; 42-43; 54-56; 59-61; 54, 61-63; 55, 28-29; 65, 44-45; 78, 31-32; 91, 8-9; 92, 22-23;

GLOBALIZAÇÃO - 79,8-10

GRATUIDADE - 94,16-18;

GUERRA - 52, 49-50; 55, 9-10; 56, 2-4; 30-34; 59, 9; 61, 29-31; 62, 3-5; 33-34; 93, 33-34;

GLOBALIZAÇÃO - 77, 10; 96, 57-61;

HISTÓRIA DA IGREJA - 12, 11-13; 23, 60-64; 28, 25-27; 30, 13; 31, 80; 35, 38-45; 36, 36-37; 37, 46-55; 39, 5-7; 40, 64-65; 41, 6-8; 9; 10-14; 42, 20-21; 22-25; 37-41; 50-56; 43, 61-64; 44, 13-15; 48-53; 46, 54-55; 56-57; 68-71; 51, 68-69; 22-23; 46-50; 70-71; 53, 18-19; 54, 37-38; 56, 59-60; 57, 41-44; 60, 14-17; 61, 25-27; 64, 28-30; 54-57; 65, 75-77; 66, 62-64; 75, 5-6; 78, 7-8; 81, 11-12; 82, 55-56; 85, 4-5; 87, 35-37; 89, 7-11; 90, 22-27; 94, 36-38;

HOMEM - 2, 8-12; 3, 3; 18-19; 24-25; 4, 9-12, 5, 4-7; 7, 2-4; 6-7; 33-38; 8, 59; 10, 16-17; 29-31; 16, 35-36; 50-55; 17, 29-31; 22, 73-74; 26, 22-26; 29, 6-8; 30, 6-13; 33, 42-44; 34, 58-64; 41, 47; 45, 69; 48, 72-73; 49, 13-17; 50-51; 52, 20-21; 54, 44-45; 46-47; 58, 44-46; 59, 18-20; 33-35; 77, 38-42; 54-58; 78, 50-52; 91, 24-25;

HOMOSSEXUALIDADE - 52, 56-57; 54, 39-40; 60, 14-17; 66, 26-30; 73, 5-6; 77, 34-37; 87, 49-50;

HUMANIZAÇÃO - 19, 74-79; 21, 76-80; 27, 27-38; 28, 29; 46, 72-73; 49, 10-11; 51, 24-25; 53, 2-4; 12-15; 28-30; 36-37; 63-64; 70-73; 55, 5-8; 21; 56, 5-6; 57, 2-3; 10-12; 14; 20-23; 27; 38-40; 58, 35-36; 44-46; 76-79; 59, 4-5; 15-17; 37-39; 73-74; 78-80; 60, 7-8; 9-10; 41-42; 57-58; 67-73; 61, 1-6; 11-13; 57-59; 62, 3-5; 17-18; 39-40; 60-61; 63, 15-17; 64, 22-24; 36-39; 65, 2-8; 11-12; 18-19; 33-34; 67, 4-6; 35-39; 71, 17-18; 28-29; 73, 10-11; 24-26; 34-35; 36-37; 40-45; 74, 40-44; 75, 11-12; 57-58; 76, 7-8; 78, 36-38; 79, 14-15; 80, 37-38; 43-45; 46-48; 81, 49-50; 83, 5-7; 87, 22-23; 90, 17-18; 93, 27-28; 96, 44-46; 51-54; 97, 50-52; 99, 16-17;

HUMOR - 34, 50-53; 66-67; 35, 24-27; 36-37; 36, 10-13; 48-49; 37, 42-45; 68-69; 39, 56-57; 42, 26-28; 44, 24-25; 42-44; 45, 32-33; 46, 22-24; 49, 38-39; 50, 36-37; 80; 51, 27-29; 52, 8-10; 12-14; 15-16; 80, 10; 81, 57; 52, 37-40; 52-53; 56-57; 66-67; 54, 58-60; 55, 52-55; 56-70; 56, 35-37; 78-79; 57, 24-26; 58, 40-43; 59, 33-35; 60, 28-31; 34-36; 62, 42-43; 65-66; 63, 40-42; 52; 80; 64, 43-46; 67, 50-51; 69, 26-27; 70, 51-52; 71, 48-49; 73, 53; 74, 49; 75, 20; 46; 76, 49; 83, 50;

HUMILDADE - 87, 22-23; 90, 46-48; 94, 16-18;

IDEOLOGIA - 3, 4-5; 10-11; 6, 7; 7, 8-9; 10-11; 43-44; 16, 10-11; 12-15; 47, 42-43; 48, 48-49; 49, 12-13; 17; 50, 60-61; 51, 54-56; 59-61; 53, 70-72; 56, 30-34; 58, 40-43; 58, 34-35; 59, 22-23; 62, 46-48; 63, 2-4; 64, 49-50; 70, 46-48; 71, 33-35; 73, 35-37; 75, 9-10; 77, 52-53; 81, 8-10; 90, 9-12; 50-51; 92; 2-3; 64-65; 93, 25-26; 96, 28-29; 57-61; 64-65;

IDOSO - 30, 67-69; 38, 42-47; 52, 52-53; 53, 5-6; 24-

27; 60, 26-27; 73, 41-42; 74, 28-29; 79, 14-15; 79, 27-29; 84, 19-20; 38; 90, 15-16; 91, 26-27;

IGREJA - 7, 26-29; 56-60; 8, 2; 24; 26-28; 35-37; 42-44; 11, 35-36; 16, 40-42; 18, 20-23; 19, 2-7; 23, 19-21; 32, 12-21; 39, 46-47; 42, 37-41; 43, 44; 47; 73-77; 47, 30-31; 48, 48-49; 62, 7-8; 73, 5-7; 31-33; 75, 5-6; 76, 24-37; 85, 4-5; 100, 18-19; 43-44;

CRISTANDADE - 10, 10-14; 18, 20-23; 24, 32; 49, 71-72; 64, 28-30; 54-57; 79, 54-56;

MISSÃO - 3, 3; 4, 14-16; 12, 41; 63-66; 19, 2-7; 59, 27-29; 60, 14-17; 62, 7-8; 74, 33-35; 77, 54; 88, 3, 9-41;

REINO DE DEUS - 10, 2-7; 19, 23; 26, 44-48; 36, 70-75; 39, 46-47; 40, 42-45; 54, 18-21;

SER IGREJA HOJE - 3, 3; 4, 14-16; 6, 10; 42-45; 8, 42-34; 12, 41; 63-66; 16, 43-49; 18, 6-7; 22, 11-13; 23, 60-64; 31, 6, 13; 35, 78-80; 36, 7-9; 70-75; 38, 62-65; 39, 46-47; 61-63; 41, 32-37; 48-50; 64-65; 42, 10-12; 13-15; 72-75; 44, 13-15; 48-53; 54-55; 63-66; 67; 45, 22-24; 49; 70; 50, 50-51; 51, 2-4; 30-32; 44-45; 46-50; 52, 12-14; 55, 18-21; 30-32; 56, 59-60; 57, 41-44; 88, 7-9; 58, 19-20; 59, 30-32; 60, 14-17; 62, 7-8; 64, 54-57; 65, 75-77; 73, 5-7; 77, 45-48; 61-63; 79, 45-48; 80, 24-26; 80, 27-30; 81, 33-34; 51-56, 86, 36-38; 90, 43-48; 94, 36-38;

VIDA CONTEMPLATIVA - 26, 57-61;

IMIGRANTE - 39-41; 46-48;

IMPRENSA - 64, 40-42; 90, 4 3-48; 91, 6-7;

INDÍGENA - 52, 12-14; 97, 45-47;

INFORMÁTICA - 54, 77-78; 57, 13; 61, 14-16; 87, 20-21; 92, 64-65;

INTOLERANCIA - 92, 8-9;

ISLAMISMO - 95, 20-21;

JOGO - 34, 2-4; 55, 11-12;

JOVENS - 16, 74-76; 18, 77; 32, 68-69; 35, 10-12; 40, 26-28; 53; 42, 6-8; 45, 30-31; 62, 17-18; 66, 22-23; 67, 31-34; 69, 3-4; 13-14; 71, 42-47; 82, 21-22; 33-37; 86, 32-33; 88, 20-22; 96, 33-34; 55-56; 97, 28-29; 99, 32-33;

TEMÁRIOS - 20, 78-79; 22, 78-80; 23, 76-79; 50, 60-61; 52, 2-4; 63-64; 56, 22-24; 64, 2-4;

JUSTIÇA - 2, 44-47; 3, 6; 7, 8; 8, 48-50; 16, 26-34; 17, 18-20; 29, 70-71; 31, 62-63; 32, 56-61; 66-67; 33, 24-27; 34, 54-56; 58-64; 36, 23-25; 39, 74-76; 40, 32-37; 54-58; 68-69; 45, 2-3; 47, 36-37; 51-53; 48, 3; 3-5; 8-11; 12-14; 49, 2-9; 36-37; 50, 8-10; 51, 5-7; 12-15; 22-23; 38-40; 52, 22-24; 53, 20-23; 36-37; 41-43; 69; 70-73; 54, 32-34; 55, 2-4; 11-12; 27; 38-41; 56, 18-20; 69-70; 57, 2-3; 10-12; 13; 27; 58, 10-12; 79, 20-23; 17-18; 37-39; 68-69; 70-72; 74-75;

59, 4-5; 6-8; 9; 10-11; 22-23; 60, 2-4; 5-6; 61, 41-42; 62, 7-8; 15-16; 65, 23-25; 68, 23-25; 72, 34-35; 45-47; 77, 5-6; 80, 39-40; 82, 5-7; 19-20; 57-58; 83, 5-7; 90, 4-6; 13-14; 50-51; 91, 4-5; 94, 23-24; 31-33; 40-41;

LAICOS - 16, 43-49; 18, 30-35; 30, 14-16; 35, 46-48; 36, 14-17; 52, 49-50; 54, 66-67; 65, 23-25; 76, 24-37; 99, 60-61;

LAZER - 73, 16-17;

LEITURA - 93, 44-46;

LIBERTAÇÃO - 5, 29-31; 44-45; 6, 13; 42-45; 7, 20-22; 30-32; 8, 32-34; 14, 2-9; 42-45; 19, 80; 39, 34-35; 61-63; 42, 13-15; 50-53; 43, 53-57, 45, 44-45; 54, 53-56; 57, 18-19; 61, 21-24; 63, 38-39; 64, 36-39; 66, 48-50; 74, 3-32; 79, 12-15; 89, 20-21; 58-59; 97, 48-49; 100, 43-44;

MARIA - 3, 33; 33, 52-53; 56, 46-48; 72, 12-13; 94, 21-22; 95, 16-17; 100, 6-8;

MATERNIDADE - 95, 16-17;

MATRIMÔNIO - 1, 18-19; 2, 53; 26-27; 30; 34; 36-37; 5, 38-39; 52-53; 9, 8-11; 18, 46-51; 23, 44-49; 38, 8-9; 44, 10-12; 46, 8-9; 49, 13-17; 51, 24-26; 44-45; 52, 3, 2-33; 53, 49-51; 54, 9-11; 55, 5-8; 56, 10-12; 57, 20-23; 30-32; 54-56; 60, 37-40; 61, 35-37; 62, 25-26; 30-32; 63, 8-10; 64, 5-7; 25-27; 65, 67-69; 68, 20-22; 70, 36-37; 72, 36-37; 42-44; 74, 13-15; 75, 26-28; 78, 29-30; 81, 37-39; 82, 10-11; 20-30; 86, 17-21; 90, 15-16; 57-59; 95, 16-17;

INDISSOLUBILIDADE - 1, 18-19; 34; 36; 9, 11; 10, 38-39; 58, 26-28; 48-50; 84, 39-41;

PADRES CASADOS - 30, 48-49; 53, 18-19;

PERDÃO - 63, 21-15; 64, 25-27;

MEIO AMBIENTE - 11, 63-71; 17, 42-43; 19, 44-58; 72-73; 80; 21, 5-7; 23, 69-70; 25, 54-61; 27, 22-26; 28, 40-49; 29, 9-13; 56; 30, 50-52; 40, 13-17; 44, 2-3; 46, 34-35; 56, 5-6; 61, 29-31; 62, 72-73; 63, 2-4; 64, 8-10; 58-60; 65, 78-79; 68, 62-63; 72, 6-9; 72, 17-19; 29-33; 74, 5-7; 8-9; 16-20; 76, 52-53; 77, 43-44; 91, 44-46; 92, 62-63; 99, 25-26; 47-48; 100, 43-44;

MEIOS DE COMUNICAÇÃO - 17, 7-5; 19, 72-73; 50, 44-46; 56, 54-55; 58, 78-79; 90, 36-35; 60-61; 99, 14-15;

MILAGRE - 35, 72-74; 55, 34-36; 74, 40-44;

MENORIDADE - 84, 52-58; 92, 17-19;

MERCADO - 77, 13-16;

MISSIONARIEDADE - 66, 13-14;

MISERICÓRDIA - 94, 25-26; 34-35; 99, 34-35;.

MOVIMENTO F. CRISTÃO - 8, 41-44; 9, 48-53; 20, 75-77; 22, 68-72; 27, 42-51; 30, 17-27; 53-55; 72-80;

59, 75-77; 68, 47-63; 74, 5-7; 100, 33-34;

CARISMA - 45, 79-81; 57, 28-29; 74, 5-7; 90;

EQUIPE-BASE - 10, 41-54; 97, 50-52;

ESTUDOS E PESQUISAS - 14, 70-77;

INSTITUTO DE FAMÍLIA - 11, 57-62;.

JOVENS - 16, 74-76; 91, 33-59; 97, 28-29;

LITERATURA (PUBLICAÇÕES) - 92, 32-58;

METODOLOGIA PARTICIPATIVA - 10, 26-28; 14, 42-31; 15, 54-65; 16, 40-42; 16-59; 17, 60-62; 32, 72-75; 37, 78-79; 44, 46-47; 68, 47-53;

MISSÃO - 8, 45-77; 35, 49-51; 52, 52-53; 54-55; 54, 79-80;

NUCLEAÇÃO - 9, 32-39; 10, 41-54;

PREPARAÇÃO PARA O CASAMENTO - 10, 55-63; 11, 52-53; 80, 61-66;

PROMOÇÃO DA JUSTIÇA - 8, 48-50;

PROPOSTA AO GOVERNO - 31, 70-74;.

UM CERTO MOVIMENTO - 22, 68-72; 27, 42-43;

MULHER - 3, 28-31; 42-49; 6, 14-17; 7, 33-38; 12, 48-58; 15, 44-49; 14-15; 25, 26-29; 30-31; 27, 42-43; 28, 52-56; 57-61; 29, 48-49; 33, 52-53; 35, 38-45; 37, 46-55; 41, 47; 42, 5-7, 36-39; 46; 48-49; 46, 36-39; 47, 40-41; 48, 28-29; 49, 13-17; 72-74; 50, 11-13; 34-35; 52, 45; 54, 37-38; 64-65; 56, 11-12; 40-42; 57, 5-6; 78-79; 65, 70-72; 69, 46-47; 71, 40-41; 72, 20-21; 78, 53-78, 55; 56-57; 97, 54-55;

MODERNIDADE - 66, 15-16;

MORTE - 53, 7; 73, 14-15; 86, 57-58; 94, 42-43;

NATAL - 67, 26-27; 43-44; 52-54; 62-64; 84, 43-45; 100, 6-8;

NATALIDADE - 1, 21; 26-27; 30; 33-37; 34; 36-37; 5, 38-39; 52-53; 10, 32-33; 16, 16-20; 21-25; 19, 25-27; 31-33; 58; 23, 65-68; 49, 13-17; 50, 11-13; 34-35;

NEGRO - 33, 15; 50, 5-7; 53, 2-4; 58, 37-39;

NEOLIBERALISMO - 3, 4-5; 10-11; 14-17; 36; 7, 10; 15, 32-40; 16, 2-7; 12-15; 35-37; 17, 24-28; 59; 18, 52-56; 22, 2-6; 21, 14-19; 22, 41, 30-54; 27, 14-16; 30, 28-30; 31-40; 70-71; 31, 68-69; 32, 6-8; 33, 36-38; 39-41; 51; 35, 4-6; 14-16; 60-61; 37, 30-32; 64-65; 38, 4-7; 14-20; 38-40; 48-49; 50-55; 74-77; 39, 28-31; 34-35; 36-40; 40, 2-5; 18-20; 42, 22-25; 44-46; 43, 18-21; 44, 2-5; 26-29; 32-35; 36-41; 45, 8-9; 18-20; 25; 46, 58-59; 62-65; 47, 8-9; 12-13; 32-35; 36-37; 62-64; 77-78; 48, 8-4; 24-25; 30-32; 42-44; 56-57; 49, 42-44; 61-62; 50, 2-4; 8-10; 18-20; 44-46; 60-61; 52, 8-10; 58-60; 53, 69; 54, 32-34; 58, 32-34; 56-58; 59, 22-23; 24-26; 27-29; 60, 2-4; 5-6; 61, 17-21; 32-34; 41-42; 63, 2-4; 18-20; 61-63; 66, 41-44; 69, 51-52; 70, 17-18; 38-39; 72, 38-40; 75, 9-10; 77, 52-53; 64-65; 85, 44-47; 89,

4-6; 38-40; 90, 28-29; 40-42; 91, 2-3; 93, 4-5; 42-43; 95, 36-27; 96,41-48; 59-61;

GLOBALIZAÇÃO - 34, 8-11; 36, 54-58; 38, 4-7; 14-20, 40, 2-5; 45, 8-9; 46, 62-65; 52,8-10;

OPERÁRIO - 3, 14-17; 26; 9, 3-9; 28-30; 16, 35-37; 17, 59; 54, 32-34;

ORAÇÃO - 19, 28-30; 33, 28-30; 40, 74-75; 41, 68-79; 44, 70-73; 45, 75-76; 46, 60-61; 47, 61; 48, 80; 48, 36-27; 49, 45; 73, 27-30; 86, 25-26;

PACIENCIA - 96,4;

PAI - 29, 38-43; 39, 26-27; 41, 16-19; 67, 28-30; 71, 25-27; 78,64-65;

PALAVRA - 99, 21-25;

PARÁBOLAS - 31, 79; 40, 49; 46, 16-17; 39; 43; 50-51; 48, 39-41; 61-62; 66-68; 76-77; 49, 58; 67-68; 50, 27; 33; 43; 51; 52-53; 52,25-27; 68-69; 54,68; 55, 32; 56,61; 58,28; 73; 80; 65, 11-12; 67, 17-18; 71, 19-24;

PARALITURGIA - 11, 3-34; 16-23; 18-25; 24-28; 29-34; 12, 2-7; 13, 4-8; 10-14; 22-26; 28-33; 35-40; 16, 68-71; 18, 57-64; 20, 75-77; 31, 46-47; 32, 62-65; 33; 66-67; 35, 52-57; 47, 70-73; 54, 66-67; 55, 76-77; 72, 26-28; 59-64; 80, 11-14; 95, 13-14;

PASTORAL FAMILIAR - 23, 44-49; 29, 31-33; 58-62; 72-93; 57, 28-29; 60, 65-66; 97, 11-12;

PAZ - 53, 31-32; 70-72; 55, 9-10; 24-25; 62, 3-5; 65, 35-36; 83, 58; 88, 49-50; 51-52; 53-55;

PECADO - 19, 64-69; 52,15-16; 57, 27; 58, 56-58; 75, 15-16;

PEDAGOGIA LIBERTADORA - 14, 42-51; 21, 58-64; 42, 50-53; 52, 41-41; 76-80; 55, 5-8; 68-70; 56, 65-67; 57, 2,8-29; 58, 9; 59, 50-52; 60, 74-75; 61, 55-56; 67-65; 62, 55-36; 73, 19-11; 76, 7-8; 88, 20-22; 89, 30-33; 90, 6-7; 99, 4-10; 27-28; 100,18-19;

PENA DE MORTE - 32, 76-77;

PENTECOSTES - 82, 51-54;

PERDÃO - 48, 24-25; 59,73-74; 59, 73-74; 65, 4-5;

POBRE - 96,13-14;

POEMAS - 39, 25; 40, 21; 42, 9; 43, 29; 44, 16-17; 45, 25; 46, 15; 47, 52; 48, 53; 52, 7; 53,11; 28-30; 54, 41; 55, 33; 56, 21; 57, 33; 59, 58; 60,51; 61,2; 62, 2; 63, 37; 64, 21; 28; 65, 8-63; 66, 3; 68, 67; 69, 28; 70, 21-22; 40; 41-42; 71, 39; 76, 59; 78, 9; 97, 69;

POLÍTICA - 5, 46-47; 19, 10-14; 15-17; 62-63; 22, 14-18; 23, 31-39; 26, 22-26; 30, 2-3; 33, 62-65; 34, 2-4; 76-79; 36, 2-6; 26-29; 39, 28-31; 64-65; 70-71; 40, 46-48; 59; 41, 2-5; 36-38; 43, 69-72; 45, 58-61; 46, 2-4; 10-11; 16-17; 40-42; 49, 2-4; 12-14; 50, 2-4; 18-21; 40-42; 72-73; 52, 58-60; 55,13; 56, 2-4; 30-34; 57, 2-3; 27; 58, 10-12; 59, 20; 27-29; 61, 17-20;

29-31; 50-51; 52-54; 62, 9-11; 64, 18-20; 49-50; 51-53; 65, 37-39; 66, 31-32; 34-33; 38-39; 51-53; 70, 11-12; 13-14; 17-18; 19-20; 71, 9-10; 32-35;

73, 21-23; 36-37; 76, 19-21; 77, 5-6; 38-42; 79,30-32; 37-39; 80, 35-36; 83, 5-7; 26-29; 84, 5-6; 23-25; 36-37; 85, 38-39; 86, 4-5; 34-35; 87, 45-46; 89; 25-26; 41-45; 58-59; 91, 2-3; 19-23; 92, 2-3; 94, 7-8; 95, 34-35; 36-37; 99, 30-31; 51-52; 55-56; 57-58; 100, 16-17; 48-49;

PRAZER - 78, 18-19; 91, 9-10;

PRECONCEITO - 33, 15; 48, 26-27; 50, 5-7; 19-20; 51, 19-20; 42-43; 54-56; 59-61; 53, 2-4; 69; 58, 37-39; 59, 9; 61, 47-49; 78; 86, 4-5; 34-35; 86, 41-50; 97, 50-52.

PROFETISMO - 62, 9-11; 90, 22-27;

PROPRIEDADE PRIVADA - 33, 48-51; 34, 40-43; 66, 41-44;

PROSTITUIÇÃO - 32, 78-79; 56, 40-42; 54-55; 61, 32-34; 62, 60-61; 65, 13-14; 68, 17-19; 69, 3-4; 70,5-6;

RACISMO - 58, 37-39; 61, 47-49;

RELATIVISMO - 67, 11-12;

REFORMA AGRÁRIA - 33, 48-51; 34, 24-27; 40-43; 39, 74-76; 77; 46, 74-75; 58,10-12; 66, 41-44;

REFUGIADOS - 93, 39-41; 46-48;

RELIGIOSIDADE POPULAR - 7, 12-14; 35, 70-71; 38, 24-28;

RELIGIÃO - 38, 24-28; 34-37; 39, 70-71; 41, 62-63; 43, 73-77; 45, 54-57; 70-72; 46, 66-67; 72-73; 48, 26-27; 80; 49, 8-9; 18-20; 71-72; 50,5 7-59; 54, 6-8; 57; 55, 31; 28-29; 34-36; 56-60; 58, 56-57; 62,3-5; 46-48; 79-80; 63, 57-60; 71-72; 64, 11-14; 28-30; 65, 35-36; 44-46; 64-65; 66, 26-32; 69, 35-37; 71, 30-31; 74, 23-29; 75, 29-31; 77, 11-12; 79, 8-10; 81, 29-32; 82, 25-28; 83, 15-16; 96, 49-50; 97, 97,54;

REVOLUÇÃO - 94, 14-15;

SACRAMENTO - 25, 75-77; 32, 29-38; 58-61; 48, 34-38; 50, 18-21; 56,10-12; 57,30-32; 58, 48-50; 60,7-8; 37-40; 65, 23-25; 28-32; 67, 7-9; 35-39; 70,3 6-37; 72, 36-37; 42-44; 79, 63-66; 81, 37-39; 82, 10-11; 20-23; 84,39-41;

SALÁRIO - 3, 26; 9, 3-9; 16, 35-37; 30, 48-49; 53, 2-4; 69;

SANTÍSSIMA TRINDADE - 85, 50-52;

SAÚDE - 36, 32-35; 60-63; 43, 58-60; 45, 44-45; 77-78; 53, 24-27; 56, 25; 57, 2-3; 57; 63, 38-39; 64-65; 69-70; 66, 36-37; 76, 56-58; 77, 50-54; 87,42-44; 99, 23-24;

SEGURANÇA - 75, 22-23;

SEGREGAÇÃO - 85, 63-66;

SEITAS - 31, 19-23; 54,57;

SEXUALIDADE - 17, 48-51; 18, 63-64; 34, 12-16; 20-23; 35, 10-12; 36, 38-42; 38, 8-9; 39, 15-18; 32-33; 58-60; 42, 16-19; 44, 13-14; 46, 12-14; 15; 47, 67; 49, 10-11; 13-17; 50, 14-17; 52, 56-57; 54, 9-11; 54, 25-28; 55, 5-8; 56, 10-11; 57, 7-9; 14-16; 30-32; 59, 15-17; 60, 7-8; 14-17; 21-24; 62, 12-14; 75-78; 64, 5-7; 70, 43-45; 71, 11-13; 72, 12-13; 36-37; 73, 5-7; 81, 48-49;

SOCIALIZAÇÃO - 2, 44-47; 48-49; 17, 11-12; 18, 52-56; 49, 10-11; 60, 54-56; 61, 1-6; 62, 17-18; 39-40; 64, 36-39; 70, 46-48; 53-57; 71, 33-35; 72, 38-40; 45-47; 76, 7-8; 88, 23-24; 89, 58-59; 90, 4-6;

SOLIDARIEDADE - 32, 68; 48, 4-5; 17-19; 20; 78-79; 49, 50-51; 52, 22-24; 53, 36-37; 41-43; 49-51; 52-56; 70-73; 54, 25-26; 55, 5-6; 56, 5-6; 71-72; 73-74; 56, 5-6; 71-72; 73-74; 57, 10-12; 58, 37-39; 68-69; 64, 22-24; 60, 9-10; 61, 1-6; 11-13; 52-54; 62, 3-5; 17-18; 79-80; 67, 4-7; 68, 23-25; 74, 8-9; 75, 9-10; 13-14; 79, 46-51; 83, 5-7; 89, 58-59; 93, 33-34; 95, 30-31; 32-33; 48-49; 97, 51-52; 100, 43-44; 48-49; 58-59;

SUCESSO - 32, 6-8; 59, 60-61; 76, 7-8;

TECNOLOGIA - 34, 68-72; 50, 54-56; 53, 61-62; 54, 77-78; 61, 14-16; 66, 24-25; 82, 38-39; 86, 51-52; 89, 44-45; 90, 43-48; 94, 14-15; 96, 47-48;

TEMÁRIOS - 1, 45-64; 2, 57-72; 3, 61-71; 4, 67-71; 7, 61-71; 8, 61-71; 9, 57-71; 10, 65-72; 15, 76-80; 17, 69-80; 18, 80; 19, 72-79; 20, 78-79; 22, 78-80; 23, 76-79; 49, 81-96; 67, 57-61;

TEOLOGIA DA LIBERTAÇÃO - 6, 42-45; 8, 32-34; 31, 6-13; 36, 7-9; 39, 61-63; 41, 64-65; 42, 13-15; 54, 48-52; 55, 18-21; 58, 9; 25; 61, 38-40; 63, 27-30; 65, 23-25; 68, 23-25; 72, 17-19; 76, 24-37; 79, 8-10; 57-58; 80, 27-30; 31-34; 84, 16-18; 90, 22-27; 92, 2-3; 96, 26-27; 100, 18-19;

TERNURA - 22-23;

TOLERANCIA - 90, 19-21;

TRABALHO - 2, 48-49; 14-17; 26; 5, 4-5; 50-51; 9, 3-9; 28-30; 16, 35-37; 25, 52-53; 27, 20-21; 29, 19-21; 31, 54-55; 33, 7; 37, 26-29; 39, 19-21; 48-50; 42, 2-5; 43, 50-52; 47, 27-28; 58-60; 50, 5-7; 53, 67-68; 69; 57, 27; 58, 68-69; 60, 59-61; 61, 43-45; 72, 45-47; 79, 49-50; 82, 15-16; 17-18; 85, 56-57; 94, 14-15; 94, 11-13; 95, 9-12; 97, 13-14; 99, 41-42; 100, 24-31;

TELEVISÃO - 17, 2-5; 20, 33-36; 32, 54-55; 35, 18-22; 36, 43-47; 37, 60-61; 39, 42-44; 42, 22-25; 66-68; 45, 10-13; 50, 38-39; 52, 63-64; 55, 72-73; 57, 58-59; 58, 76-67; 60, 78-80; 61, 14-16; 65-66; 65, 47-48; 66, 7-10;

TERRORISMO - 61, 29-31; 93, 33-34;

TORTURA - 82, 42-43;

UTOPIA - 25, 4-9; 27, 12-13; 28, 5-10; 36, 50-52; 41, 50-51; 52-55; 56-57; 47, 27-28; 58-60; 53, 74; 58, 9; 62, 3-5; 64, 51-53; 89, 56-57; 58-59; 92, 25-26; 95, 30-31; 96, 64-65;

VALORES - 27, 56-63; 53, 41-43; 52-56; 63-64; 67-68; 54, 22-23; 46-47; 55, 5-8; 13; 56, 10-11; 76-77; 57, 20-23; 38-40; 58, 37-39; 56-58; 59, 12-14; 60, 11-13; 26-27; 61, 14-16; 62, 17-18; 39-40; 46-48; 60-61; 63, 21-25; 38-39; 66, 22-23; 71, 17-18; 75, 15-16; 77, 5-6; 90, 19-21; 96, 33-34; 51-52;

VAMOS CANTAR - 13, 48-49; 49, 50; 52; 53-54;

VELHICE - 80, 57; 90, 15-16;

VÍCIO - 66, 17-18;

VIDA - 19, 34-42; 43; 27, 4-6; 29, 36-37; 39, 77; 42, 29-31; 44, 13-15; 45, 30-31; 52-53; 62-63; 53, 24-27; 28-30; 38-40; 53, 41-43; 70-73; 54, 22-23; 46-47; 54, 22-23; 61-63; 55, 66-67; 56, 5-6; 10-11; 59, 15-17; 60, 11-13; 26-27; 58, 56-58; 61, 47-49; 63, 2-4; 53-55; 66, 22-23; 71, 17-18; 74, 28-29; 76, 56-58; 83, 42-43; 90, 37-39; 94, 42-43;

VIOLÊNCIA - 5, 8-13; 12, 8-9; 10-12; 19, 8; 34-42; 23, 22-25; 24, 120; 26, 42-43; 27, 54-55; 32, 26-27; 36, 36-37; 39, 64-65; 40, 22-25; 26-28; 38-40; 41, 36-38; 44, 60-62; 45, 52-53; 47, 2-4; 15-17; 44-45; 79-80; 49, 2-4, 12-14; 35-37; 71-72; 50, 65-67; 52, 2-4; 8-10; 22-24; 28-31; 45; 46-48; 53, 2-4; 69; 77, 59-60; 55, 2-4; 24-27; 56, 2-4; 30-34; 38-39; 40-42; 57, 13; 27; 58-59; 58, 17-18; 37-39; 70-72; 59, 10-11; 60, 2-4; 5-6; 61, 1-6; 6; 62, 9-11; 27-29; 33 -34; 63, 2-4; 11-14; 26; 35-36; 73-74; 64, 68-71; 65, 28-32; 70-72; 66, 2-3; 19-21; 67, 40-42; 69, 8-9; 70, 5-6; 72, 10-11; 14-16; 79, 20-25; 80, 57; 83, 8-10; 22-24; 84, 5-6; 26-27; 87, 59-60; 89, 34-35; 91, 17-18; 92, 13-14; 93, 9-10; 11-13; 33-34; 95, 7-8; 100, 63-64;

VIRGINDADE - 72, 12-13;

VIRTUDE - 88, 35-36; 96, 64-65; 99, 49-50;

VOCAÇÃO - 83, 40-41; 90, 52-54;